



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

JURANDIR NEVES GARCIA

AGOSTINHO DA SILVA: O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO

Brasília
2015

JURANDIR NEVES GARCIA

AGOSTINHO DA SILVA: O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em História, Sociedade e Cidadania

Orientadora: Profa. Dra. Joelma Rodrigues da Silva

Brasília
2015

JURANDIR NEVES GARCIA

AGOSTINHO DA SILVA: O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em História,
Sociedade e Cidadania

Orientadora: Profa. Dra. Joelma
Rodrigues da Silva

Brasília, 27 de agosto de 2015.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Inês Malta Castro

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

DEDICATÓRIA

À Cláudia, companheira de uma vida.

**À Mariana, Pedro e Helena, cidadãos autônomos e
com consciência crítica.**

AGRADECIMENTOS

A Joelma, minha orientadora, por sua contribuição e incentivo.

Ao UNICEUB, seu corpo docente e administrativo, que foram fundamentais nessa caminhada.

E ao amigo AC, que me apresentou Agostinho da Silva faz muito tempo.

“O mundo acaba sempre por fazer o que sonharam os poetas.”

Agostinho da Silva

RESUMO

Este trabalho apresenta o professor Agostinho da Silva como um dos principais intelectuais portugueses do século XX, cujo pensamento e prática combinam elementos como educação, cultura e liberdade. O grande sentido da sua obra é o compromisso com a vida e com o ser humano, seja na sua vida acadêmica ou nos cargos que ocupou fora da universidade. Durante toda sua vida, sempre combateu pela defesa da justiça e por um efetivo humanismo entre homens. Além disso, e acima de tudo, sonhou e projetou o futuro de um mundo melhor. Esses aspectos de sua vida foram salientados focando principalmente na sua trajetória por diversas universidades brasileiras e no período que trabalhou como assessor do governo brasileiro para política externa.

Palavras-chave: Agostinho da Silva. Educação. Universidade. Liberdade. Humanismo. Política externa.

ABSTRACT

This paper presents the teacher Agostinho da Silva as a leading Portuguese intellectuals of the twentieth century, whose thought and practice combine elements such as education, culture and freedom. The great sense of his work is the commitment to life and the human being, both in their academic life or the positions he held outside the university. Throughout his life, always fought for the defense of justice and an effective humanism among men. In addition, and above all, he dreamed and designed the future for a better world. These aspects of his life were highlighted focusing mainly on its trajectory several Brazilian universities and in the period that he worked as advisor to the Brazilian government for foreign policy.

Key words: Agostinho da Silva. Education. University. Freedom. Humanism. Foreign policy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 OS ANOS DE EUROPA (1906 a 1944)	10
2 OS ANOS DE BRASIL (1944 a 1969)	21
3 ASSESSORIA DE JÂNIO E POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE ...	38
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretende-se apresentar um pouco da trajetória do português de nascimento George Agostinho Baptista da Silva, tanto no seu tempo de Europa (1906-1944) quanto no período vivido no Brasil, de 1944 a 1969, com rápida passagem por Uruguai e Argentina, entre os anos de 1945 e 1946, até seu retorno a Portugal em 1969.

O suporte bibliográfico foi obtido através de um conjunto de autores que trabalharam e conviveram com o Professor Agostinho da Silva em diversas fases de sua vida e escreveram sobre seu pensamento e sua vida, e também da obra legada pelo próprio.

Esta investigação divide-se em três partes. O primeiro capítulo traz uma breve visão de Portugal no quartel final do século XIX e primeiras décadas do século XX, além de tratar da formação acadêmica de Agostinho da Silva, desde a infância na pequena aldeia de Barca de Alva, prosseguindo também pelas cidades do Porto, Lisboa, Paris e Madrid. Ainda descreve seus primeiros trabalhos como professor, integrante e colaborador do grupo e revista Seara Nova e autor d'Os Cadernos, uma publicação cultural independente, produzida pelo próprio e distribuída em todo Portugal entre os anos de 1938 e 1947, em plena ditadura salazarista.

O segundo capítulo discorre sobre a importância de sua presença no Brasil, onde lecionou e participou da fundação de várias universidades e centros de estudos no país, do Nordeste ao Sul, passando também pelas regiões Sudeste e Centroeste.

Além do citado nos parágrafos anteriores, no terceiro capítulo, revela-se a grande influência de Agostinho da Silva na estratégia de uma política brasileira de relações internacionais com a África e a Ásia, a partir da década de 1960, quando lançou as bases e fundamentos da mesma e assessorou o Presidente Jânio Quadros, em 1961.

1 OS ANOS DE EUROPA (1906 a 1944)

George Agostinho Baptista da Silva nasceu na freguesia do Bomfim, Porto, em 13 de fevereiro de 1906. Seu pai, Francisco José Agostinho da Silva, era inspetor das alfândegas e vinha do Algarve, extremo sul de Portugal. Sua mãe, Georgina do Carmo Baptista Rodrigues da Silva, era uma dona de casa de origem alentejana, região centrosul do país. Agostinho era um de três irmãos.

E mesmo quanto às pessoas, não só para os gregos, mas para toda a gente do mundo, ponho como possível uma teoria nova de se nascer. Naquela biografiazinha que estive escrevendo um pouco a pedido do amigo, ponho a ideia de que eu, quando chegou a minha hora de nascer no céu das ideias, estava atento ao globo terrestre que ia passando pela frente à espera de encontrar uma terra que me agradasse. E, como eu, estavam os outros: quer dizer, toda a gente escolhe o lugar onde nasce. Que nascer não é uma fatalidade, mas uma escolha pré-consciente, daquela consciência que se perde quando se voa do Céu para a Terra, como dizia Platão...

Não, senhor, eu o que escolhi foi Barca de Alva, que é a última terra portuguesa antes da fronteira com Espanha, isto é, logo a seguir à Espanha. Mas é muito difícil fazer o cálculo matemático necessário para de um corpo em movimento, como é o Céu, ir acertar noutro corpo também em movimento que é a Terra. Então os calculistas lá se enganaram e eu fui parar no Porto. Mas, logo que foi possível, repararam o erro e apenas com alguns meses de idade fui realmente crescer para Barca de Alva. Fiz o curso no Porto, andei por toda parte quanto é mundo, mas a minha terra continua a ser Barca de Alva.¹

Portugal, na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, era um país predominantemente agrícola, como os demais países europeus, e era dirigido por sucessivos governos de uma monarquia liberal. Sua população, em 1900, contava com aproximadamente 5.423.000 habitantes.²

Nos finais do século XIX a população portuguesa vivia com grandes dificuldades. Os pobres – operários e agricultores – estavam cada vez mais pobres, e só os que já eram muito ricos conseguiam aumentar sua fortuna. O descontentamento com o regime monárquico era grande em todo o país.

Em 1875 foi fundado o Partido Socialista com o intuito de preparar a classe operária para novos ideais, já difundidos pela Europa e, em 1876, foi criado o Partido Republicano que pretendia derrubar a monarquia e permitir a implantação de

¹ SILVA, Agostinho da. *Vida Conversável*. Lisboa: Cooperativa Editora e Livreira, 1994, p.15-16.

² NAZARETH, Joaquim Manuel. *A demografia portuguesa do século XX: principais linhas de evolução e transformação*. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223479895G0nRM2du9Tv18QW4.pdf>. Acesso em: 23 Fev.2013.

uma república. Esses novos partidos apoiavam-se no operariado urbano e nas classes médias, descontentes com a situação corrente no país. As hostilidades contra o regime monárquico e a propaganda das idéias republicanas nos jornais e revistas aumentavam ano após ano.³

Na cidade do Porto, em 1891, ocorreu a primeira revolta armada contra a monarquia, que contou com o apoio de alguns militares e de muitos populares. Entretanto, a guarda municipal, fiel à monarquia, sufocou os revoltosos.

Uma nova revolução organizada pelo Partido Republicano, nos primeiros dias de outubro de 1910, em Lisboa, conseguiu destituir a monarquia constitucional e implantar um regime republicano no país.⁴ A república parlamentar durou de 1910 a 1926 e foi um período de grande instabilidade política. Os republicanos eram uma minoria urbana em um país rural, e, após a proclamação, restringiram o direito de votar só aos homens alfabetizados. Nos dezesseis anos de duração da república, ocorreram 45 governos e 9 presidentes.⁵

Apesar da instabilidade política do período, algumas medidas modernizantes como a laicização do Estado, nacionalização dos bens da Igreja e obrigatoriedade do registro civil para nascimentos, casamentos e óbitos, foram tomadas durante a república. Na área da educação, no ano de 1911, foram criadas as universidades de Lisboa e do Porto.⁶

A república parlamentar foi retirada de cena em 1926, por um golpe que impôs uma ditadura militar. António de Oliveira Salazar assumiu as funções de primeiro-ministro da Ditadura Militar em 1932 e no ano seguinte se transformou num ditador fascista, tendo subjugado Portugal durante o regime que ficou conhecido como Estado Novo (1933-1974). Esse regime controlava os meios de comunicação e as eleições, bem como as liberdades da população civil.

Em 1910, ao contrário da grande maioria da população portuguesa, cuja taxa de alfabetização era de apenas vinte e cinco por cento (25%)⁷, e com a fundamental ajuda da mãe, Agostinho da Silva, com apenas 4 anos, começou a ler

³ Disponível em: <http://www.historiadeportugal.info/crise-e-queda-da-monarquia/>. Acesso em: 20 Mar. 2013.

⁴ Disponível em: <http://www.historiadeportugal.info/crise-e-queda-da-monarquia/>. Acesso em: 20 Mar. 2013.

⁵ Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/historia-de-portugal/>. Acesso em: 20 Mar. 2013.

⁶ Disponível em: <http://www.historiadeportugal.info/crise-e-queda-da-monarquia/>. Acesso em: 20 Mar. 2013.

⁷ CANDEIAS, António; SIMÕES, Eduarda. *Alfabetização e escola em Portugal no século XX: Censos Nacionais e estudos de caso*. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v17n1/v17n1a17.pdf>. Acesso em: 23 Fev. 2013.

na pequena aldeia de Barca de Alva, no extremo norte de Portugal, às margens do Rio Douro, onde morava.

A minha mãe, embora alentejana de nascimento, tinha estado no Brasil durante uma longa temporada e conviveu com gente italiana bastante culta para a época, com quem aprendeu bastantes coisas, sobretudo de carácter prático. Portanto, depois, quando chegou a Barca de Alva, como não havia escola e a casa da alfândega tinha uma sala disponível, resolveu utilizá-la para dar aulas aos meninos da terra que quisessem, contanto que trouxessem um banquinho, pois nem banquinhos havia! Nessa altura, naquele Portugal de início de século, a pobreza era muita. Bom, e foi assim que então aprendi a ler. Não me lembro absolutamente nada do que li, nem sequer como foi. No fundo, quer isto dizer que para a criança o aprender a ler é um acto de violência terrível, porque naquela idade o que ela quer é brincar com carros ou, como eu fazia, andar a caçar lagartos ou qualquer coisa assim! Não é ler, não acha? Mas tudo começa por a nossa educação ser uma educação em que a criança é presa. Um neto de uma senhora que faz serviço aqui ao lado, que é um menino despachado, activo, interessado pelas coisas, entrou agora na escola primária. Todas as tardes, quando vem para casa, diz logo para a família: “Tomara que aquela escola arda, tomara que rebente. Aquela porcaria não há maneira de acabar.” E repete, repete até a exaustão. No fundo, é uma reacção natural...!⁸

De acordo com Pedro Agostinho, filho primogênito, antropólogo e professor do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, foi na época de infância que Agostinho tornou-se um devorador de livros, ao qual nem o Código Civil escapava. Ainda conforme Pedro Agostinho foi nesse tempo e aldeia que cresceu o essencial de Agostinho, segundo avaliação do próprio: “bilingue de português e castelhano, vendo fronteira como traço de distinção e união, não de separação, mais afinado com os que estavam na mó de baixo da sociedade do que dos que lhe estavam no topo e se pensavam como elites”.⁹

E uma coisa muito importante foi que, em Barca de Alva, com os meus amigos, grandes e pequenos, aprendi ao mesmo tempo português e espanhol. De maneira que, de facto, se o Fernando Pessoa disse que a pátria dele era a língua portuguesa, eu tenho ao mesmo tempo uma espécie de duas pátrias. Sou na realidade ibérico, embora entenda perfeitamente as diferenças que há de um lado e de outro, e se tiver de preferir talvez prefira a parte portuguesa por várias de suas qualidades e além de tudo porque sabendo, como sei, que o Brasil era espanhol e passou para Portugal, acho que foi uma habilidade tão grande da parte dos portugueses, que não tenho jeito senão de ser mais solidário com eles do que sou com os espanhóis, apenas desejando que, agora que se abre uma nova fase nesse problema –

⁸ MACHADO, Luís. *A Última Conversa Agostinho da Silva*. 11. ed. Lisboa: Casa das Letras, 2006, p.28-29.

⁹ AGOSTINHO, Pedro. *Agostinho da Silva*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.221.

porque já não há Tratado de Tordesilhas – os portugueses também dão licença aos espanhóis para brilhar um pouco e para fazer as coisas certas.¹⁰

Agostinho regressou à cidade do Porto em 1912 e, como já sabia ler e escrever, sua mãe inscreveu-o no ensino primário, na Escola Primária de São Nicolau. Em seguida, em 1914, ingressou na Escola Industrial Mouzinho da Silveira e completou seus estudos secundários no Liceu Rodrigues de Freitas, onde se licenciou em 1924 com a classificação de 20 valores, ou seja, nota máxima. Ainda no decorrer de 1924 entrou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e formou-se em Filologia Clássica, em 1928, também com 20 valores.

Quando me licencié na Faculdade de Letras, no Porto, a minha tese foi sobre o poeta latino Catulo. Na altura fiz esse trabalho com o propósito de que um dia houvesse no nosso país uma colecção de clássicos gregos e latinos, escritos em grego e latim, e do outro lado o português, com um texto em que as pessoas pudessem seguir os manuscritos, uma pequena introdução, a tradução, toda essa história. Depois a Universidade de Coimbra resolveu publicar esse trabalho. A imprensa da Universidade então dirigida por um homem notável da história da filosofia e do pensamento português, chamado Joaquim de Carvalho. Demo-nos bem, como amigos, e ele resolveu publicar o *Catulo*, para iniciar a colecção. Quando o volume saiu, estava eu em Paris com uma bolsa da Junta de Educação (...)¹¹

A mesma Universidade do Porto onde havia se graduado, conferiu-lhe o doutoramento, com louvor, em 1929, para sua tese “O Sentido Histórico das Civilizações Clássicas”.¹²

É importante destacar o fato de que Agostinho da Silva, mesmo nascendo e vivendo em um Portugal agrário e com um altíssimo índice de analfabetismo no início do século XX, tenha conseguido, a despeito de todas as dificuldades, desenvolver toda sua inteligência e trilhar um caminho brilhante até o ano de sua morte, em 1994.

Para poder tornar-se um professor efetivo de liceus, que era seu objetivo, Agostinho frequentou também a Escola Normal Superior de Lisboa nos anos de 1930 e 1931, onde foi diplomado com a classificação máxima mais uma vez.¹³

¹⁰ SILVA, 1994, p.16.

¹¹ SILVA, 1994, p.21.

¹² SILVA, Agostinho da. *Condições e missão da Comunidade Luso-Brasileira e outros ensaios / Agostinho da Silva*; organização e prefácio de Henryk Siewierki. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009, p.10.

¹³ MACHADO, 2006, p.54.

Ainda no ano de 1931, Agostinho partiu para Paris com a intenção de aprofundar os estudos em Filologia Clássica. Como bolsista, fez pós-graduação na Sorbonne, apresentando sua tese sobre Montaigne. Paralelamente à pós-graduação frequentou o Collège de France, onde aprofundou os seus conhecimentos em História e Literatura Francesa, analisando textos de Stendhal e Merimée, autores de uma linha da literatura francesa moderna e contemporânea, que passara a interessá-lo.¹⁴

Na capital francesa, Agostinho conviveu com vários exilados políticos portugueses, entre eles António Sérgio e Jaime Cortesão, que haviam participado, respectivamente, como ministro da Instrução e ministro de Estrangeiros de um dos últimos governos republicanos antes da Ditadura Militar, além de terem ajudado a fundar o grupo Seara Nova no início da década de 1920.¹⁵

Após regressar de Paris, em 1933, Agostinho concorreu para professor efetivo de liceus e foi aprovado, classificando-se novamente em primeiro lugar. Passou então a lecionar no ensino secundário, no Liceu de José Estevão, na cidade de Aveiro.¹⁶

Isto porque o que eu ambicionava, o que tinha por ideal, como professor de liceu, era poder viajar pelo mundo, era estar em todos os lugares, sobretudo aqueles por onde tinham passado os Portugueses, apesar de muita coisa historicamente já estar ultrapassada, mas o meu desejo era ver como era, ver a forma daquilo, como era a cor do céu, como é que a terra impressionava as pessoas. Portanto, tornava-se necessário passar por todos esses lugares. Mas como dinheiro não havia, existia apenas aquele que ganhava no liceu, a única maneira era concorrer a um lugar que houvesse numa colónia, e depois seguir para lá.¹⁷

Em Portugal, mais precisamente em Lisboa, no início dos anos 1920, criou-se um grupo composto de escritores, artistas, poetas e políticos de posição mais ou menos esquerdista, que ficou conhecido como Seara Nova. Esse grupo tornou-se o maior núcleo de resistência e oposição à Ditadura Militar iniciada com o levante militar de 28 de Maio de 1926, e à sua sucessora, a ditadura fascista de

¹⁴ OLIVEIRA, Waldir Freitas. *Agostinho da Silva*. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000, p.359.

¹⁵ SILVA, José Luís Poças Leitão Conceição. *Um Agostinho da Silva*. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000, p.213-214.

¹⁶ MACHADO, 2006, p.122.

¹⁷ *Ibid.*, p.34.

Oliveira Salazar.¹⁸ Câmara Reys, um de seus fundadores, em entrevista ao jornal *Primeiro de Janeiro*, em 1937, relatou assim o surgimento da *Seara Nova*:

(...) Nasceu de uma reunião na Biblioteca Nacional, no Gabinete do Director, onde me encontrei a convite de Raul Brandão, Raul Proença, Aquilino Ribeiro, Ferreira Macedo e Jaime Cortesão. Foi cerca do ano de 1920. Apareci ali sem saber qual era o fim da reunião. Pouco depois conhecia-o: era o de elaborar um programa de acção política e social, um programa mínimo de realizações nacionais, em que pudessem colaborar todos os elementos sinceros e sãos da sociedade (...) O pequeno grupo inicial alargou o âmbito da sua acção, empregando vários elementos à esquerda e à direita. Deste modo se trabalhou durante alguns meses. Foi difícil e lenta esta acção. (...) Um dia, os elementos afins reuniram novamente e decidiram fundar uma revista de doutrina e crítica e organizar uma secção editorial, cuja base comercial foi a Empresa de Publicidade *Seara Nova*, constituída em Maio de 1921, com sede na Rua António Maria Cardoso, 26. (...) Foi baptizada por Aquilino, que sugeriu a primeira palavra (*Seara*) e por mim, que a completei com a segunda (*Nova*).¹⁹

Agostinho começou a participar das manifestações culturais e políticas desse grupo no final da década de 1920 e era, provavelmente, um dos seus componentes mais jovens. A partir da década de trinta começou a escrever para a hoje quase centenária revista *Seara Nova*.

Escrevi muito na *Seara Nova*, desde 1932 até não sei quando, talvez 1940... Depois houve uma divisão de pessoas, eu segui o António Sérgio e deixei de escrever para lá. Mas enquanto escrevi na *Seara*, fi-lo com pseudónimos, não havia heterónimo nenhum. Se me perguntar por quê, não sei, sabe, mas talvez fosse por estar aborrecido com o meu nome.²⁰

De acordo com Edson Nery da Fonseca, professor emérito da Universidade de Brasília, Agostinho destacou-se na revista como biógrafo de grandes vultos da humanidade, tais como Moisés, Francisco de Assis, Pestalozzi, Lincoln, e como comentador de textos filosóficos e literários de clássicos universais. Ainda, segundo Fonseca, são notáveis suas edições de Frei Luís de Sousa, Rodrigues Lobo, Garret, Platão, do teatro clássico grego e romano.²¹

A ditadura salazarista, no ano de 1935, através da Lei Cabral, exigiu dos funcionários públicos a assinatura de um documento, ideológico, em que declarassem que não pertenciam nem pertenceriam a sociedades secretas.

¹⁸ SILVA, 2000, p.212.

¹⁹ Disponível em: <http://www.searanova.publ.pt/pt/static/menu/97/Hist%C3%B3ria.htm>. Acesso em: 20 Mar. 2013.

²⁰ SILVA, 1994, p.21.

²¹ FONSECA, Edson Nery da. *Agostinho da Silva (1906-1994) caminhos brasileiros*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.167.

Agostinho, ainda professor do liceu em Aveiro, recusou-se terminantemente a assinar, e, por isso foi demitido.

(...) foi demitido (o pai) quando veio a República. Parece que na minha família a demissão é uma coisa quase genética...

(...) Curiosamente, é uma coisa que já vem detrás. Olhe, primeiro foi o meu avô, depois o meu pai...

(...) Mais tarde foi a vez do Pedro, o meu filho que ensina Antropologia na Baía.²²

A recusa de Agostinho e a carta escrita e divulgada por Fernando Pessoa foram os dois únicos protestos que houve no país contra tal atentado às liberdades individuais.

Sim, demitido por me recusar a assinar um papel onde tinha que jurar que não pertencia a nenhuma sociedade secreta. Claro que o que eles visavam era sobretudo a Maçonaria, que representava uma força que o regime temia.

(...) Mas a dizer um não categórico só houve duas respostas, a do Fernando Pessoa e a minha. O Fernando Pessoa respondeu inteligentemente, argumentando que haver uma lei contra as sociedades secretas era absurdo, porque quando duas pessoas se entendem, imediatamente se forma uma sociedade secreta. Um gesto, uma palavra, um silêncio, um olhar, são sinais para o outro. Claro que eu não dei uma resposta inteligente como deu o Fernando Pessoa, eu apenas testemunhei a meu favor, no fundo foi isso.

(...) Vi muita gente que pertencia a associações secretas ter de assinar o papel para poder viver!

Pensei bem, e embora não pertencendo a associações secretas e também precisasse de comer, decidi não assinar o papel.²³

Desempregado e desencantado com o clima político que se vivia em Portugal, seguiu para a Espanha ainda em 1935, onde obtivera, através do Ministério das Relações Exteriores daquele país, uma bolsa de estudos que lhe permitia participar do Centro de Estudos Históricos de Madrid. Nesse Centro desenvolveu pesquisas sobre o misticismo espanhol.²⁴

Devido à iminência da Guerra Civil Espanhola, Agostinho retornou a Portugal no ano de 1936.

Desde a volta da Espanha, ficou sobrevivendo apenas de aulas particulares. Um episódio interessante desse período, narrado pelo próprio, foi o

²² MACHADO, 2006, p.30-31.

²³ Ibid., p.33-35.

²⁴ Ibid., p.122.

pedido do Dr. João Soares, pai do futuro primeiro ministro e presidente português Mário Soares, para que Agostinho aprofundasse com o jovem Mário, na época então com dezessete ou dezoito anos, questões ligadas à cultura portuguesa.

Nas palavras do professor Agostinho:

Claro que nunca houve lições de cultura portuguesa, era uma outra coisa, foram discussões de cultura portuguesa, porque nessa altura o Cunhal era monitor lá no colégio deles.

(...) Lá no colégio, o rapaz (o Soares) conversava com o Cunhal, discutia com ele as idéias e vinha depois discuti-las comigo. Portanto, eu, ao discutir as idéias com ele, estava, também, indirectamente, a discuti-las com o Cunhal, daí o triálogo. Entretanto, o Soares teve um ataque de asma, coisa que ele tinha já desde pequeno. As lições foram interrompidas e nunca chegaram a recomeçar. Mas ainda a propósito do Álvaro Cunhal, talvez não saiba, mas ele foi das poucas pessoas que teve a amabilidade de responder uma carta minha, quando entendi que devia enviar-lhe uma saudação pelo regresso a Portugal, após o seu longo tempo de exílio.²⁵

Álvaro Cunhal²⁶, quase dez anos mais novo que Agostinho, cursou Direito no início da década de 1930, em Lisboa, era filiado ao Partido Comunista Português (PCP) e também colaborador da revista Seara Nova, entre outras publicações. Em 1935 entra na clandestinidade e, em 1936, para o Comitê Central do PCP que o envia para a Espanha, onde vive os primeiros meses da guerra civil. Esteve preso em Aljube, na cidade de Lisboa, em 1937 e depois em várias outras prisões. Ficou encarcerado durante onze anos, de 1949 a 1960, quando fugiu e entrou novamente para a clandestinidade. Em 1961, foi eleito Secretário Geral do PCP, viveu no exílio em Paris e Moscou, até 1974, quando retornou a Portugal após a Revolução de Abril. Em 1975, foi eleito para a Assembléia Constituinte e em seguida, em todas as eleições legislativas portuguesas até 1987. Abandonou o cargo de secretário geral do PCP em 1992. Liberado de suas funções políticas, Cunhal assumiu sua condição de escritor e artista plástico. Faleceu em 2005.²⁷

²⁵ MACHADO, 2006, p.45-46.

²⁶ Disponível em: http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/desenho/alvaro_cunhal/biografia.html/. Acesso em: 09 Jun. 2014.

²⁷ Mário Soares foi eleito presidente de Portugal em 1985 pelo Partido Socialista. Já havia sido primeiro ministro, anteriormente, por duas vezes. Lembro-me de sua primeira visita oficial ao Brasil como presidente, no ano de 1987, e de uma entrevista a uma emissora de televisão brasileira, quando diversos assuntos foram discutidos com os entrevistadores. Desde aquela entrevista, me impressionou a visão de mundo, o humanismo e o republicanismo do ex-presidente português. Hoje, após saber da existência e compreender melhor a conexão Agostinho da Silva – Mário Soares – Álvaro Cunhal, posso dizer, com tranquilidade, que entendo perfeitamente porque fiquei tão admirado com o então presidente português.

A partir de 1938, Agostinho da Silva dedicou-se por inteiro a um ambicioso projeto de publicações periódicas, de grande valor humanista e pedagógico, escritas e editadas por ele mesmo, conhecidas como “Os Cadernos”.

Um dia apareceu a ideia. Lembro-me perfeitamente quando foi: uma madrugada em que me tinha levantado para escrever ou ler não sei o quê. Veio-me então uma ideia de que se podiam fazer folhetos sobre determinados assuntos, numa linguagem simples, clara e em poucas páginas, que dessem às pessoas já com um certo grau de cultura a oportunidade de se interessarem por esse assunto e assim continuarem determinado trabalho. Quando resolvi isto e porque não tinha dinheiro fui ter com um amigo a quem expus a ideia.

(...) E comecei a escrever. Imaginei a primeira série e acho que o terceiro folheto era sobre o linho, que escolhi de propósito por ser um assunto de Portugal, do nosso povo e que, por exemplo, no Sul do país muita gente não conhece. (...) Então o primeiro folheto a sair não foi o que estava planeado, mas sim o terceiro... Depois de impressos os dois mil exemplares, procurei na lista telefónica o endereço de amigos e mandei-lhes um folheto para que fizessem uma assinatura. Fui eu e uma prima minha que fizemos toda a correspondência necessária. Depois de aparecerem as devoluções – já eu trabalhava noutro folheto – vimos que aquilo era capaz de ir para a frente. E continuámos.²⁸

No período de 1938 a 1947 foram publicados os seguintes conjuntos d’Os Cadernos: “À volta do Mundo, Colecção de Textos para a Mocidade e Colecção de Textos para a Juventude”, com 13 volumes; “Iniciação, Cadernos de Informação Cultural”, com 63 volumes e “Antologia, Introdução aos Grandes Autores”, que possuía 51 volumes.

Essas publicações eram direcionadas especialmente ao público jovem. Tratavam de temas variados como Artes, Religiões, História, Geografia, Biografias, Filosofia, Biologia, Literatura, Cooperativismo, Astronomia, Mecânica, etc.

Para Helena Maria Biosa e Mota, professora e mestre em educação, investigadora da obra pedagógica de Agostinho da Silva, n’Os Cadernos estavam os princípios da valorização da cultura da paz e da transmissão de valores como a solidariedade, a tolerância, a compreensão intercultural e religiosa, a autonomia e a liberdade. Ainda, de acordo com Mota, Agostinho já estava ciente e consciente de que as pedras basilares para o livre exercício da liberdade e da cidadania teriam de ser amalgamadas pelo cimento da formação integral da pessoa humana e que

²⁸ SILVA, 1994, p.111-112.

qualquer Estado que verdadeiramente desejasse ser livre e democrático teria de conjugar a modernidade com a procura incessante da justiça social.²⁹

“Os Cadernos” sustentavam-se em uma rede de assinantes que cobria todo o país. Em aldeias e fábricas do país, por vezes, os poucos alfabetizados organizavam grupos de leitura, em que os que sabiam ler liam para os demais. Mais importante, no entanto, que a informação transmitida, era a mensagem, constante, a favor de um pensamento crítico e livre, do direito e do dever de exercer a liberdade de pensar, e de pensar politicamente o dia a dia – em decidido e deliberado confronto com a ditadura salazarista. Houve quem dissesse que, no Portugal dos anos quarenta, só três coisas, tendo a política como escopo, estavam firmemente enraizadas: a Ditadura, o Partido Comunista e os Cadernos de Agostinho da Silva.³⁰

Assim, à medida que a coisa ia se espalhando pelo país, a partir de 1939 começaram a aparecer pedidos para ir fazer palestras, conferências a associações de recreio, de operários, clubes, etc. Então eu ia muitas vezes com esse amigo que começou a fazer *slides*, comprou projetores, etc. Depois veio também a ideia de fazer bibliotecas e até mandar os livros para faróis.

As palestras eram sempre sobre um determinado assunto, lições no fundo. E a coisa ocorreu assim de 1939 até 1944. Mas em 1943 começaram a surgir dificuldades com a polícia da ditadura.³¹

Um dos cadernos de 1942, “O Cristianismo”, provocou alguma celeuma nos meios católicos mais conservadores e originou inúmeros convites para a realização de conferências. Entretanto, um grupo de sacerdotes de Braga, cidade do norte de Portugal, promoveu uma autêntica cruzada contra a sua pessoa, que culminou com a sua excomunhão.³²

Em 1943, ao escrever um folheto intitulado *Doutrina Cristã*, Agostinho, ao mesmo tempo em que dava motivos para a polícia política de Salazar levá-lo à prisão de Aljube, apresentava os fundamentos da proposta que repetiria ao longo de toda a vida, bem como sublinhava as linhas mestras e os alicerces do mundo que desejava ver constituído no futuro, radicado no princípio da liberdade.

²⁹ MOTA, Helena Maria Briosa. *Cidadania e Educação: sonhos e realidades. Agostinho da Silva, um percursor exemplar, em Portugal e no Brasil, de uma efectiva educação para a cidadania*. Disponível em: <http://agostinhodasilva.no.sapo.pt/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=7Q2afv+EZ/>. Acesso em: 04 Jun. 2013.

³⁰ AGOSTINHO, 2007a, p.222.

³¹ SILVA, 1994, p.112.

³² MACHADO, 2006, p.24.

...para que possa compreender Deus, para que possa, melhorando-se, melhorar também os outros, o homem precisa de ser livre; as liberdades essenciais são três: liberdade de cultura, liberdade de organização social, liberdade econômica. Pela liberdade de cultura, o homem poderá desenvolver ao máximo o seu espírito crítico e criador; ninguém lhe fechará nenhum domínio, ninguém impedirá que transmita aos outros o que tiver aprendido ou pensado. Pela liberdade de organização social, o homem intervém no arranjo da sua vida em sociedade, administrando e guiando, em sistemas cada vez mais perfeitos, à medida que a sua cultura se for alargando; para o bom governante, cada cidadão não é uma cabeça de rebanho; é como que o aluno de uma escola de humanidade: tem de se educar para o melhor dos regimes, através dos regimes possíveis. Pela liberdade econômica, o homem assegura o necessário para que o seu espírito se liberte de preocupações materiais e possa dedicar-se ao que existe de mais belo e de mais amplo; nenhum homem deve ser explorado por outro homem; ninguém deve, pela posse dos meios de produção e de transporte, que permitem explorar, pôr em perigo a sua liberdade de Espírito ou a liberdade de Espírito dos outros. No Reino Divino, na organização humana mais perfeita, não haverá nenhuma restrição de cultura, nenhuma coacção de governo, nenhuma propriedade. A tudo isto se poderá chegar gradualmente pelo esforço fraterno de todos.³³

A produção e distribuição d'Os Cadernos por Agostinho da Silva, em plena ditadura salazarista – onde o poder político instituído desejava, como norma, que o povo fosse obediente, submisso e inculto, e valores negativos como contenção, juízo, temor e obediência cega eram promovidos – foi uma ação verdadeiramente revolucionária e dignificadora do ser humano.

Agostinho assumiu, explicitamente, com a produção d'Os Cadernos, que a promoção da cultura é fundamental para o processo de libertação e humanização da pessoa, e através dela, de toda a humanidade.

Após a sua saída da prisão de Aljube em 1943, e muito desgostoso com a situação reinante no país, decidiu-se por um exílio voluntário, partindo para o Brasil no ano seguinte.

³³ SILVA, Agostinho da. *Doutrina Cristã. Textos e Ensaios Filosóficos I*. Lisboa: Âncora Editora, 1943/1999. p.82. In: MOTA, Helena Maria Briosa. *Cidadania e Educação: sonhos e realidades. Agostinho da Silva, um percurso exemplar, em Portugal e no Brasil, de uma efectiva educação para a cidadania*. Disponível em: <http://agostinhodasilva.no.sapo.pt/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=7Q2afv+EZ/>. Acesso em: 04 Jun. 2013.

2 OS ANOS DE BRASIL (1944 a 1969)

Agostinho chegou ao Brasil no segundo semestre do ano de 1944.

(...) Vim em 1944, depois de demitido do lugar de professor, por me ter recusado a hipotecar a minha liberdade futura, num protesto que só teve por companheiro Fernando Pessoa, o que me faz pensar em quanto a obediência dos povos alimenta a tirania dos governos.³⁴

(...) De qualquer maneira, o primeiro ponto da chegada ao Brasil foi este – abrir-me a mim. O segundo ponto foi o de descobrir no Brasil aquele Portugal que eu precisava de compreender, aquele Portugal que nunca me desapareceu do espírito, que hoje permanece nítido e que me faz ter, porventura, uma atitude um pouco diferente da maioria dos portugueses que não tiveram essa experiência do estrangeiro ou que nela ficaram sempre presos a alguma coisa que toda a gente declara que é fundamental na psicologia portuguesa e que é a saudade. (...) A minha experiência é a seguinte: eu, no Brasil, nunca tive nenhuma saudade de Portugal, nem da sua gente. E de um modo geral é um sentimento muito... que em mim é muito fraco, esse da saudade. Primeiro, porque aqueles de quem gosto, os meus amigos, nunca estão ausentes, estão sempre presentes. Só tem saudades aquele que deixa que haja a ausência das pessoas, mas isso não me acontece a mim, elas estão sempre presentes, sempre actuais, poderia dizer que até de personagens lidas, por exemplo, eu não tenho saudades, estou sempre com elas.³⁵

No ano de 1945, Agostinho deixou o Brasil e foi viver em Montevidéu, no Uruguai. Também morou durante um curto período de tempo em Buenos Aires, na Argentina, em 1946.³⁶

Portanto, primeira coisa, no Brasil larguei a armadura portuguesa, nunca mais me importei com as questões, com os conflitos de cá, decidi viver uma vida totalmente diferente, mas uma vida que os portugueses achariam normal em muitos dos seus aspectos.

Segunda coisa, a partir dos primeiros tempos de adaptação, ainda flutuei muito, ainda achei que o Brasil não era o mais conveniente para mim, talvez por causa disso, ainda pensei no Uruguai, na Argentina, mas depois... a pequena intoxicação que já tinha do Brasil, foi suficiente para não poder suportar nem Montevidéu, nem Buenos Aires. Tive de voltar ao Brasil, porque já me era completamente insuportável a idéia de voltar a Portugal.³⁷

³⁴ TEIXEIRA, Cid. *Habitante do País da Liberdade*. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000, p.104.

³⁵ SILVA, 1994, p.117.

³⁶ Disponível em:

http://www.agostinhodasilva.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=18&Itemid=30. Acesso em: 05 Jun. 2013.

³⁷ SILVA, 1994, p.102.

Agostinho voltou em definitivo ao Brasil em 1947 e estabeleceu-se primeiramente na cidade de Itatiaia (RJ). Lá, juntamente com alguns amigos intelectuais, criou uma comunidade, cujo objetivo seria, segundo o próprio, o de “apurar o pensamento de uma idade nova” e “estudar todos seus reflexos de ordem social e individual”, e ainda a “fundação de um instituto em que se meditassem todas as características do Brasil e, sob o ponto de vista do Brasil, todas as correntes de ideias ou todos os procedimentos, nacionais ou não, que apareciam no mundo como criação ou herança”.³⁸

Desse período e dos muitos encontros com o filósofo brasileiro Vicente Ferreira da Silva nasceu “*O Alcorão*” que é um texto filosófico que pregava e buscava um novo modo de viver, mais perfeito.

(...) A vida é fundamentalmente a presença simultânea de um sujeito e de um objeto, intimamente ligados entre si pela presença de Deus; Deus, sob este aspecto, é o que permanece estável na variação constante e correlativa do sujeito e do objeto.

(...) A noção de liberdade no homem não é um engano, embora tanto o seu Corpo como a sua Alma estejam regidos pela lei. Há liberdade para o homem de todas as vezes que ele chegar, intelectualmente ou afetivamente, à mais íntima relação que existe entre Sujeito e Objeto; atingida a Lei Suprema, atingiu-se a Liberdade.

(...) O intelectual e o afetivo não são caminhos separados; nunca o intelectual está separado do afetivo, nem se dá o contrário; mas, segundo os temperamentos, prevalece (predomina) um ou outro; à medida que o homem vai progredindo, os dois caminhos se aproximam cada vez mais; de certa altura por diante é impossível distingui-los; o afetivo se exprime em termos intelectuais e atinge a intuição (no sentido da filosofia clássica), o intelectual se perde no êxtase afetivo.

(...) A história humana é ao mesmo tempo a história de cada homem e a história dos homens; cada um deles e eles todos buscam simultaneamente (segundo o ritmo geral do mundo) a riqueza da vida e a Lei. Progresso de cada homem e progresso geral estão intimamente ligados; o que um faz, por todos faz; o que a coletividade avança a cada homem favorece. Esforço interior e ação exterior vão de par.³⁹

Vicente e sua esposa Dora Ferreira da Silva, Agostinho e sua esposa Judite Cortesão, filha de Jaime Cortesão, companheiro de exílio em Paris, formavam o núcleo dessa comunidade, que também recebia diversas pessoas em sua sede temporariamente. Alguns visitantes que também participaram dessa utopia foram: do Rio de Janeiro, o poeta Murilo Mendes e sua esposa Maria da Saudade Cortesão,

³⁸ CESAR, Constança Marcondes. *O Grupo de São Paulo*. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000, p.123-124.

³⁹ SILVA, Agostinho da. *Alcorão*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.69-71.

irmã de Judite, e, de São Paulo, às vezes, Milton Vargas, Mabel Vargas e Oswald de Andrade, além de alguns finlandeses que moravam numa colônia próxima.⁴⁰

De acordo com Dora, esposa de Vicente, além das reuniões, dos diálogos fecundos e da procura de um novo modo de viver, os integrantes daquela comunidade se inseriram no lugar. Aprenderam a dar injeções, cuidavam dos caboclos, levavam remédios e fizeram uma farmácia. Ainda segundo Dora, um finlandês, que havia sido aviador na Grande Guerra, era o professor de ginástica do grupo, enquanto Agostinho ensinava ioga.⁴¹

Em 1948, Agostinho deixou a Serra de Itatiaia e mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro. Nessa cidade, começou a trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz, estudando entomologia e, simultaneamente, ensinou na Faculdade Fluminense de Filosofia. Nessa mesma época, também colaborou com Jaime Cortesão, na Biblioteca Nacional, numa pesquisa sobre Alexandre de Gusmão.⁴²

Os jovens brasileiros e de várias partes do mundo, nas décadas de 1960 e 1970, iniciaram uma fase que ficou conhecida como movimento de Contracultura. Eles pregavam a não violência, a liberdade, a cultura de paz e do amor em lugar de guerras, desapego material e um novo modo de vida em comunidade. Podemos notar que Agostinho da Silva e um pequeno grupo de amigos já haviam colocado em prática alguns desses princípios, como a vida em comunidade e o voluntariado, quase vinte anos antes, na década de 1940, pouco depois de sua chegada ao Brasil. O desapego material do professor Agostinho também ficou muito conhecido no Brasil, principalmente nos tempos da UNB, na década de 1960, quando recusou o apartamento destinado aos professores e construiu um barracão no meio do cerrado da UNB, onde morou e também abrigou vários estudantes.

Agostinho deixou o Rio de Janeiro e mudou-se para João Pessoa (PB) no ano de 1952, convidado pelo governo de José Américo de Almeida para compor o quadro de professores da recém-criada Faculdade de Filosofia e Letras da Paraíba, onde passou a lecionar História Antiga e Medieval. Nessa época, casado com Judite

⁴⁰ SILVA, Dora Ferreira da. *Agostinho da Silva*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.132.

⁴¹ *Ibid.*, 2007, p.133.

⁴² Disponível em:

http://www.agostinhodasilva.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=18&Itemid=30. Acesso em: 05 Jun. 2013.

Cortesão e já com vários filhos, habitava uma casa modesta na praia de Manaíra, que naquele tempo não passava de simples colônia de pescadores.

Qual é o quadro real da Paraíba? E é curioso, como o governador José Américo, como romancista, sabendo ou não – porque nunca se tem a certeza dessas coisas – tocou num ponto essencial para transformar a Paraíba naquilo que ela é hoje. Não é nada de perfeito, mas é muito diferente do que era na altura, em 1952, quando o governador tomou a resolução de criar ali uma Universidade.

O que era a Paraíba? Era sobretudo a capital, João Pessoa, onde se encontrava o máximo do estado e que estava muito divorciada do sertão, que lá continuava a sua vida de sempre. Já lhe contei que o secretário de Mendès France, que foi para lá ensinar francês, na primeira viagem que fez ao sertão, veio de lá muito admirado porque a economia era a do século V. Ou a observação de um outro professor, que agora não posso identificar, que foi ouvir no sertão a literatura dos jograis, por exemplo, da Idade Média – nas feiras aparecia um homem a cantar versos compostos por ele próprio ou por outra pessoa, sendo ele mesmo um trovador ou apenas um recitador do trovador, mas no fundo era um jogral, que cantava histórias, tradicionais ou inventadas. Por exemplo, era muito vulgar ouvir contar as aventuras de Carlos Magno, dos doze pares de França, a batalha de Roncesvales, etc.! Ou então, mais interessante ainda – cantava-se os acontecimentos da morte de um governador, de uma revolta qualquer... Juntava-se muita gente à volta e quando o trovador terminava o canto, as pessoas compravam os folhetos para elas próprias cantarem nas suas terras – a notícia divulgava-se cantando. Curiosamente, o trovador munia-se de um aparelho electrónico, um microfone e um amplificador, para poder difundir a sua mensagem. Economia do século V, meu amigo, no sertão! E a literatura dos séculos XI e XII, de que se fala nas escolas aqui em Portugal.

Bem, na capital já não havia nada disto, porque já se encontrava lá muita gente que achava que a vida do sertão era muito dura, muito difícil e arriscada e que por isso queria ir para a cidade para viver de outra maneira. Então, como era? O fenómeno essencial é que havia poucos jovens capazes, de inteligência, resolução, meios económicos, uma certa ajuda que podia ser apenas de apoio, de exortação. Em João Pessoa estes jovens eram na realidade muito poucos. Porque quem realmente podia dispor de algum dinheiro e tinha alguma capacidade de estudo, inteligência, ambição, saía da capital porque o meio não lhe servia – exactamente como no fenómeno português. Eles não se sentiam bem ali e emigravam para o Recife, que ficava apenas a uma hora de autocarro, mas era já uma emigração, ou para São Paulo, ou para o Rio de Janeiro. Aí encontravam colocação, aqueles que queriam trabalhar ou que precisavam de ganhar dinheiro para se sustentar, ou então estudavam, formando-se nas universidades e já não voltavam a Paraíba, que não era mais do que uma geradora de gente que emigrava – os melhores não regressavam.

Mas é claro que alguns não emigravam, gostavam tanto do clima, das casas, dos jeitos de viver, dos amigos de Paraíba, que não emigravam, resignavam-se a ficar. Então essa gente, de uma maneira geral, era triste porque não tinha podido sair e a cada momento encontrava coisas que a magoavam, a afligiam. Isto é, em ponto pequeno era o quadro de Portugal que eu conhecia pela história do século XIX, por exemplo, os suicidas portugueses, ou mesmo a gente que no século XVIII, os estrangeirados, se tinha ido embora e que só voltava forçada e que não se adaptava e que mal tinha oportunidade voltava-se a ir embora, etc. Era exactamente o que sucedia com eles, gente abatida por não ter conseguido emigrar, por amor a Paraíba, ou pela falta de qualquer mola de vontade ou de carácter, não no sentido moral mas no sentido de decisão voluntária – para se afastarem

e irem embora. E era curioso ver a quantidade de meninas tristes em Paraíba, que ficavam sem casar ou então tinham de fazê-lo com uns idiotas quaisquer que as não mereciam de maneira nenhuma. De forma que a população tinha, no fim de contas, a mesma tristeza que se havia notado em Portugal – era um povo melancólico. E o que é que aconteceu? Com a fundação da Universidade criou-se ali a possibilidade de os moços, que vieram logo estudar as coisas que se ensinavam na Faculdade de Filosofia, se habilitarem, por exemplo, a serem professores do ensino secundário. Mas, a seguir, fundou-se a Faculdade de Medicina e aí deu-se então um grande surto. Outros entusiasmaram-se pelo Direito. Muita gente encontrou lá a possibilidade de estudar, de trabalhar sem se afastar, beneficiando ao mesmo tempo da aproximação com os de dentro.⁴³

Na primeira metade da década de 1950, o interior da Paraíba e todo o Nordeste do Brasil passavam por um período de grande seca. Faltavam recursos materiais e humanos para atendimento aos flagelados. Na Paraíba, Agostinho e Judite logo se destacaram nesse atendimento. Ensinavam os flagelados a fazerem partos de emergência, a prestarem primeiros socorros e a enterrarem os mortos de modo higiênico.⁴⁴

Um dos primeiros episódios que ocorreu em Paraíba, quando lá cheguei, foi uma grande seca no sertão – a seca habitual, cíclica do Nordeste brasileiro. Naquele ano de 1952-1953 foi extremamente dura, violenta, com as populações que emigravam, que saíam, com o gado a morrer, uma desolação tremenda. Coube-me a mim organizar uma força de voluntários da Universidade para ir ajudar no sertão, socorrer aquela gente e não apenas com a caridade habitual. Organizamos um curso de socorro, de reconhecimento das populações para ver imediatamente o que se podia fazer com os recursos existentes. (...) Para levar àquela gente os primeiros socorros, mobilizei médicos, hospitais, etc. E até um curso de cozinha se fez para ensinar as pessoas a aproveitar os escassos alimentos que apareciam.

(...) Ali a Universidade não foi só para ensinar nos bancos da escola, serviu também para combater a seca.⁴⁵

Não demorou muito, foram denunciados à polícia pelos que nada faziam, acusados de suposta prática ilegal da medicina.⁴⁶

De acordo com Victória Chianca⁴⁷, ex-aluna de Agostinho no curso de História e Geografia da Faculdade de Filosofia da Paraíba, poeta e professora da Universidade Federal da Paraíba, suas aulas se generalizavam, pois o tema se aprofundava e, muitas vezes, já não se sabia o enfoque principal. Outra coisa que

⁴³ SILVA, 1994, p.103-104.

⁴⁴ FONSECA, 2007, p.168.

⁴⁵ SILVA, 1994, p.105-106.

⁴⁶ FONSECA, 2007, p.168.

⁴⁷ CHIANCA, Victória. *Agostinho da Silva*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.182.

ele não aprovava era a disposição da sala de aula, formal, em que o aluno permanecia imóvel, em cadeiras padronizadas. Ele sugeria que os alunos ficassem sentados no chão, em círculo, do tipo usado pelos romanos antigos, onde alunos e professores pudessem discutir todos os assuntos. Além disso, as palestras de Agostinho não se limitavam apenas às salas de aula, mas ocorriam nos corredores, nos terraços, nos intervalos; era informal, mas constante.

(...) a Universidade, como já lhe disse outro dia, foi-se desenvolvendo e hoje até tem um departamento de cultura popular, cultura de Paraíba, cultura do sertão, o que na altura não foi lá muito bem aceite, porque as pessoas o que queriam era que a escola lhes desse a cultura da Europa e da América, ou pelo menos a do Rio de Janeiro ou de São Paulo – a deles, a dos cantadores das feiras, das festas populares, trajos, cantos, tudo isso, essas coisas extraordinárias eles abandonavam por completo.

Ao chegar a alguns lugares com os meus amigos, assisti muitas vezes ao cantador interromper o canto para começar a cantar qualquer coisa alusiva à nossa entrada, imediatamente, com muito bom ritmo e habilidades poéticas difíceis. De uma vez, por exemplo, dois cantadores cantavam coisas diferentes para se juntarem no último verso e às vezes depois de dez versos – enfim uma capacidade inventiva extraordinária. É verdade que a maior parte das vezes utilizavam coisas já sabidas de cor e que iam inserindo, mas a verdade é que aquela literatura popular além de bela é muito bem apresentada. Muitas vezes também, tudo aquilo era impresso em tipografias populares com gravuras feitas por gente sem conhecimentos, mas mesmo assim havia coisas extraordinárias na ilustração dos folhetos. Hoje está a ser feita uma colecção destes folhetos de cantigas do Nordeste, mas numa publicação erudita, com comentários, dissertações de licenciatura, doutoramentos, etc. Muita coisa mudou.⁴⁸

Segundo Edson Nery da Fonseca, biblioteconomista e professor emérito da UNB, além de dar aulas na Faculdade de Filosofia, Agostinho tinha diversos planos para melhorar a Paraíba, tais como: a modernização da Biblioteca Estadual, a restauração da fortaleza de Santa Catarina na cidade de Cabedelo e a criação de um instituto de biologia marítima, um dos muitos assuntos em que se especializara.⁴⁹

Durante o período vivido em João Pessoa, Agostinho e sua esposa também frequentaram e concluíram o primeiro curso intensivo de biblioteconomia, ministrado pelo mesmo professor Nery da Fonseca, sob o patrocínio do Instituto Nacional do Livro. Ainda, de acordo com o professor, a Paraíba não soube prender Agostinho, tanto que, no ano de 1955, ele partiu para Santa Catarina.⁵⁰

⁴⁸ SILVA, 1994, p.106.

⁴⁹ FONSECA, 2007, p.168.

⁵⁰ Ibid., p.168.

Agostinho chegou a Florianópolis (SC) para lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que estava se instalando, convidado por Jorge Lacerda, futuro governador daquele estado, a quem havia conhecido no Rio de Janeiro.

Para Aurora Goulart, antiga aluna do curso de Filosofia em Florianópolis e professora emérita da Universidade Federal de Santa Catarina, Agostinho era um homem enciclopédico.

Era extremamente charmoso e sobretudo impressionava quando falava porque tomava as pessoas. Elas eram obrigadas a escutá-lo, as palavras fluíam facilmente. Interessava-se por tudo, mas em particular por problemas que hoje são de uma grande atualidade. A amizade, inclusive a união do Brasil com África. Chamava-nos atenção para o Cone Sul – aquilo que hoje é o Mercosul. Ele dizia: “Aquilo que é preciso é o Sul se unir porque o Norte está forte. Mas separado não pode, tem que se juntar”. As aulas?! Eram fascinantes. Havia sempre um ‘pique’ para levar as pessoas a pensar mais alto.⁵¹

Em 1959, Agostinho permanecia em Florianópolis, ensinando Literatura Portuguesa na Faculdade, mas também trabalhando na Secretaria da Cultura do Estado, onde desenvolveu um programa de divulgação da produção cultural do Estado.

Eu tinha chegado a Santa Catarina em 1955 para começar a formar a Universidade, que depois se tornou federal e, pelo ano de 1959, quatro anos depois, continuava a ensinar na Faculdade a literatura portuguesa, mas tinha também passado para o governo do Estado para trabalhar na Secretaria da Cultura, onde desenvolvi um programa muito especial, muito diferente daquilo que as pessoas tomam por cultura e que, até, de certo modo, os artistas, os escritores, os pintores, não aceitaram muito bem, ao contrário do povo, porque eu achei que naquela ilha o importante não era a cultura literária, a pintura ou a música erudita que se devia dar ao povo mas sim as primeiras condições materiais para que ele um dia pudesse efectivamente, alcançar níveis culturais. De maneira que me interessei muito mais por cursos de costura, de corte, cursos sobre a forma de cozinhar melhor com o mesmo dinheiro, enfim cursos para dar comida mais nutritiva ao marido e aos filhos, adaptação de roupa, fabrico de brinquedos, etc. – uma porção de actividades que eu pus exactamente como cultura. As pessoas não aceitavam lá muito bem, mas a coisa lá foi e continuou.

A Universidade de Paraíba foi uma coisa, a de Santa Catarina outra, e escusado será dizer que a de Brasília foi outra ainda. A Universidade de Paraíba serviu para curar aquela tristeza da terra. A de Santa Catarina não. Esta foi como que a coroação, a coroação brasileira daquilo que tinha sido começado pelos emigrantes açorianos, pelos emigrantes alemães do vale de Itajaí, pelos italianos que foram fazendo as suas quintas, as suas fazendas até à fronteira da Argentina. A Universidade foi a coroação de tudo isso, projectando Santa Catarina para aquilo que ela tinha que dar. Curiosamente, a Universidade de Santa Catarina, embora tenha gente de muito mérito nas letras, na filosofia, na arte, etc., o grande mérito dela são

⁵¹ LEME, Carlos Câmara. *Ele me chamava de Aurorinha*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.188.

exactamente as coisas que o açoreano, o alemão ou o italiano levaram – as técnicas. É muito boa, por exemplo, em mecânica, em biotecnologia, biologia, por exemplo, biologia marítima, etc.

Então, ao passo que a outra foi a cura do meio em si próprio, em Santa Catarina foi a última palavra daquilo que ela tinha sido sempre e, coisa curiosa, foi exactamente aqui que eu senti a necessidade de o Brasil conhecer África.

(...) Então, quando estava em Santa Catarina, por acaso o velho director da Faculdade, Henrique Fontes, homem extraordinário, disse-me um dia, como informação, que um catarinense tinha escrito uma história de Angola; foi só isso. Depois também soube que uma concha que se encontra nas costas de Santa Catarina se chama “moçambique”. Havia gente que tinha trabalhado, que tinha estudado os africanos no Brasil e que, naturalmente, conhecia alguma coisa de África, mas era um conhecimento apenas tendendo para certos comportamentos no Brasil, da África em si própria pouco se sabia. Veio-me então a idéia de que algum dia no Brasil deveria haver um estudo de África, da África em si própria, da África em si mesma, sem ser *para*, apenas sendo *por*, numa maneira diferente.

E, por acaso, como também já lhe contei, suponho, apareceu um amigo, Eduardo Lourenço, escritor, que por essa altura estava a ensinar filosofia na Bahia, que veio a Santa Catarina e me traçou de Edgar Santos, o reitor da Universidade de Salvador, a Universidade Federal da Bahia, um retrato como se ele fora um príncipe do Renascimento. Era um homem que tinha quanto dinheiro queria do Ministério da Educação, que tinha uma imaginação aberta e que quando lhe aparecia uma proposta interessante, se ela realmente o interessava a ele, punha-a imediatamente em prática.⁵²

No mesmo ano de 1959, Agostinho desembarcou na Bahia e propôs ao reitor da Universidade da Bahia, Edgard Santos, a criação de um Centro de Estudos Africanos. O reitor Edgard fez uma contra proposta, sugerindo a Agostinho que o centro também fosse de estudos orientais.

Sabendo de Oriente ainda menos do que sabia de África, não hesitei, no entanto, em aceitar a proposta, pois que entrava eu em tal não para ensinar, mas para que outros aprendessem o que ignorava o proponente; e tudo se pode fazer com alguma ousadia, paciência, bom senso e adequada altura dos tempos.⁵³

Esse trabalho foi iniciado discretamente no subsolo da reitoria, de comum acordo com o reitor, pois temiam a forte oposição dos estratos dominantes da Bahia dos anos cinquenta e sessenta, cujas referências culturais eram muito mais Europa e Estados Unidos do que África. Ambos queriam que o Centro somente viesse à luz quando já fosse irreversível. Afinal, a África estava muito mais para senzala do que para casa grande.

⁵² SILVA, 1994, p.119-122.

⁵³ SILVA, Agostinho da. *O Nascimento do CEAO*. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000, p.20.

De acordo com o antropólogo e professor da Faculdade de Filosofia da UFBA, Thales de Azevedo, o Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, desde o seu início, aliou dois tipos de atividades: o intercâmbio, a assistência e orientação dos bolsistas, com o estudo das línguas africanas e asiáticas e a formação de especialistas em questões afro-orientais. Disto resultou, conforme Azevedo, que o CEAO formou uma equipe de investigadores com competência gradualmente consolidada e sustentou um programa de substancial qualidade. O único programa que no Brasil se endereçou, coesivo e competente, ao aprofundamento dos estudos, das análises, das reconstruções históricas, linguísticas e antropológicas de questões caídas há muito no esquecimento dos nossos meios intelectuais e acadêmicos.⁵⁴

Já lhe disse que estive encafuado nas caves da Universidade e até bem oculto, até que se encontrou outro disfarce melhor, procurando-se alguma coisa que eu pudesse ensinar de forma a que o reitor me pudesse apresentar como professor desse assunto e não como o homem que estava a montar os estudos africanos e orientais. Lembrámo-nos de filosofia do teatro para a Escola de Teatro, que era muito boa e que, por exemplo, tinha como aluno Glauber Rocha, um grande cineasta brasileiro.

As coisas lá foram andando, imediatamente comecei a organizar aquilo. Ao princípio não havia coisa nenhuma: foi preciso arranjar uma secretária, encontrou-se uma menina que tinha vindo à Bahia fazer um tratamento de saúde mental, porque achavam que ela não estava muito bem da cabeça, a qual estava a descansar junto da família e a fazer um tratamento qualquer. O reitor perguntou-me se servia. Claro que sim. Era uma pessoa que estava disposta a fazer o que fosse preciso. Disse-me: “Não tenho hora, sabe, eu venho para cá quando o senhor quiser.” “Não são estes os meus costumes – respondi – os meus são os costumes navais: entra-se a uma hora certa e sai-se a uma hora certa, porque se o trabalho não cabe nas horas oficiais do expediente, há alguma coisa que está mal organizada, ou falta gente, ou sobra serviço, temos de arranjar isso de outra maneira.” Veio a moça, que era excelente, começámos a trabalhar e imediatamente a fazer contactos com países africanos.⁵⁵

Em alguns meses estabeleceu-se uma rede epistolar com os principais centros e entidades científicas e culturais africanos, e com seus pertinentes órgãos governamentais. Iniciou-se a ida de professores e pesquisadores brasileiros, pois tornar o Brasil conhecido em África era tão importante quanto conhecer África no Brasil. Assessorando-o nisso, contava com o profundo conhecimento e a longa experiência do etnólogo Pierre Verger, que ajudou e orientou também, no Brasil e na

⁵⁴ AZEVEDO, Thales de. *Agostinho da Silva e a fundação do Centro de Estudos Afro-orientais*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.239.

⁵⁵ SILVA, 1994, p.123-124.

África, aqueles que se dirigiram para lá. Agostinho também teve o apoio constante, inclusive material, do amigo Antônio Celestino.⁵⁶

Para a Nigéria e, posteriormente, para Gana foi o professor Vivaldo da Costa Lima que lá ensinou Brasil e fez estudos antropológicos. O professor Pedro Moacir Maia esteve por muitos anos em Dakar, no Senegal. A esses dois pioneiros seguiram os professores Guilherme de Souza Castro e Yeda Pessoa de Castro, que ensinaram na Nigéria, e Júlio Santana Braga, que trabalhou no Benim (então Daomé), no ex-Congo Belga e na Costa do Marfim.⁵⁷

(...) Mas houve outra coisa que lhe vou contar e que é curiosa. Isso mostra como de vez em quando se tem de fazer umas coisas que não têm nada nem com os costumes, nem com a lei, nem com o que parecia possível.

Havia um homem extremamente inteligente, um homem interessado por muita coisa, que fizera o curso de odontologia, e que era realmente um dentista brilhante porque era um homem muito hábil, muito capaz e que também anestesiava os clientes não só com as injeções mas também com a sua conversa atraente. Esse homem um dia aborreceu-se de ser dentista. Achou que não podia passar a vida a arrancar molares, a consertar dentes, e por isso fez uma coisa extremamente simples: fechou o consultório e ficou sem emprego. De maneira que quando eu cheguei à Bahia estava ele a viver à custa dos pais, que eram estabelecidos, tinham uma fábrica, não faziam sacrifício nenhum. Como ele não queria estar sempre a pedir dinheiro aos pais, de vez em quando pedia-o aos amigos. Mas como era um homem muito distraído, parece que as contas de restituição eram muito vagas. Um dia, por acaso, encontrei esse homem no candomblé e entrámos em conversa. Perguntou-me porque é que eu estava ali e eu expliquei-lhe e perguntei-lhe a ele a mesma coisa. Disse que estava ali porque havia um irmão interessado nessas coisas do candomblé e ele tinha ido para ver como era e estudar aquilo. Então combinámos voltar a encontrar-nos para ver se havia alguma coisa de interessante para ele no Centro, e que ideias podia ter sobre o assunto. Um dia, no princípio de Janeiro de 1960, disse-me: “Quando é que o senhor me manda para a África?” E eu, que não tinha nada de seguro, respondi-lhe: “No fim do ano.” E o curioso é que foi exactamente no fim do ano que esse homem partiu para África, para aprender África, para aprender antropologia, a história das religiões, enfim tudo o que o pudesse interessar. Também seria para ensinar Brasil, porque ele tinha o conhecimento suficiente do Brasil, para poder perfeitamente ensiná-lo e manejava a língua portuguesa com tal perfeição que também poderia ensiná-la. Foi para a Nigéria, com o encargo de passar pelo Daomé, pelo Benin, sobretudo por duas localidades: Porto Novo e por uma fortaleza que os portugueses ainda tinham nessa altura em África, Uidá ou Ajudá, como se dizia em português, e que tinha sido realmente ali estabelecida pela Bahia para comércio de escravos. Esse homem, Vivaldo Costa Lima, vai a África e juntamente com ele vai um homem que se tinha fixado um pouco na Bahia, um homem de vida errante e aventureira que se dedicava muito à antropologia africana. Lembro-me de uma reunião com eles em que me perguntaram quais eram minhas instruções quanto à África.

⁵⁶ AGOSTINHO, Pedro. *Agostinho da Silva pressuposto, concepção e ação de uma política externa do Brasil com relação à África*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.231.

⁵⁷ *Ibid.*, p.231-232.

- São as de que vocês se comportem com toda a liberdade, que façam o favor de ter imaginação e que ao mesmo tempo respeitem as leis brasileiras que têm de respeitar, mais nada. Vão em plena liberdade e digam o que houver.

Os homens estabeleceram-se e fizeram um excelente trabalho. Um, o belga Pierre Vergé, já conhecia bastante de África, por ter já andado por lá; o outro não, mas quando voltou, conhecia muito bem o domínio da Nigéria e do Daomé, sobretudo no que respeita à zona de Iorubá, que era nessa altura, e ainda é, a língua litúrgica do candomblé na Bahia e também a língua que ainda se empregava nalgumas casas de negros da Bahia. É um iorubá arcaico, porque é essa uma das características das línguas estrangeiras que chegaram à América Latina, pelo menos ao Brasil – e não só, porque o francês do Canadá é também um francês arcaico em relação ao da França. O português, por exemplo, é fundamentalmente um português do século XVII e o iorubá é também um iorubá arcaico.⁵⁸

Um efeito colateral da criação do CEAO foi a atração de muita gente do povo para a Universidade. Por exemplo, membros do candomblé, que Agostinho muito apreciava, que acorriam ao Centro interessados em aprender ou reaprender línguas africanas e informar-se sobre as culturas de seus antepassados.⁵⁹

Jonilson Barbosa, filho de mãe Olga do Terreiro do Alaketo, lembra-se de ter conhecido Agostinho quando ainda era criança em Salvador. Segundo ele, todo ano, Agostinho comparecia na festa de iniciação de mãe Olga. Jonilson acrescenta que Agostinho, apesar de europeu, tinha um posto honorífico muito importante dentro do candomblé e identificava-se com o ritual ao ponto de dançar junto com a divindade e, sempre que podia, ficava trocando impressões sobre a cultura iorubá com sua mãe.⁶⁰

Em 1960, a nova capital do país, Brasília, era inaugurada e Darcy Ribeiro, então nomeado reitor da recém-criada Universidade de Brasília, convidou o professor Agostinho para se juntar àquela Universidade. Com o CEAO caminhando bem e por suas próprias pernas, não durou muito mais a permanência de Agostinho da Silva na Bahia.

Quando me apareceu Darcy Ribeiro eu já o conhecia como antropólogo. Tinha trabalhado com ele na Exposição Histórica do Quarto Centenário de São Paulo. Foi ele quem fez a sala dos índios, uma segunda sala da exposição: tinha a parte da chegada dos portugueses ao Brasil e o que eles tinham trazido, e depois havia a sala imediata onde se mostravam os índios que eles tinham encontrado. Então Darcy preparou essa sala de

⁵⁸ SILVA, 1994, p.125-126.

⁵⁹ SERRA, Ordep *Jardineiro da Esperança*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.242.

⁶⁰ BARBOSA, Jonilson. *Conheci-o em criança no Alaketo*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.219.

uma maneira bela e inteligente, porque em lugar de dar aspectos antropológicos do índio actual, procurou sobretudo mostrar o que o índio é como gente, por exemplo, a beleza da gente índia. O fundamental da sala era uma série de retratos de índios e índias e depois a um canto havia uma parte da vida deles cozinhando ou não sei quê, para mostrar de certo modo a forma fraterna, livre e solidária como eles vivem uns com os outros. (...) Então, eu tinha achado que a ideia de fazer a sala daquela maneira tinha sido uma coisa admirável de Darcy Ribeiro.⁶¹

(...)

Então, Darcy Ribeiro, como já nos conhecíamos, mandara-me para Salvador, na Bahia, os primeiros projectos da Universidade de Brasília. Juscelino Kubitschek não queria fazer lá uma Universidade, pois achava que aquela cidade devia ser apenas o centro da administração brasileira e queria trabalhar em sossego nessa administração, porque tinha havido uma greve de estudantes no Rio de Janeiro, que fora uma coisa muito complicada, e ele queria estar inteiramente fora disso. Mas, um dia, no avião, um dos seus assessores, Ciro dos Anjos, romancista, disse-lhe que o Jefferson dos Estados Unidos dizia que a sua glória estava em ter fundado uma Universidade e não em ter sido presidente da República. Assim ele resolveu dar licença para se fazer a Universidade. Ciro dos Anjos era amigo de Darcy Ribeiro e este reuniu muito dos seus amigos. Reuniu não só os das ciências humanas, mas ainda os cientistas, gente que estivera com bolsas fora do país, que conhecia as modernidades da ciência e juntou-os todos para fazer a Universidade de Brasília, que estava então para se tornar na capital do país.

Darcy e os amigos devem ter pensado que essa Universidade deveria ser a capital das Universidades e logo sua grande missão – mesmo considerando os moços que estudavam em Brasília ou por os pais residirem lá, ou por eles próprios ali trabalharem – era preparar professores para as outras universidades. Ou seja, a Universidade de Brasília foi pensada como sendo a Escola Normal Superior das Universidades brasileiras.

Darcy mandou-me toda a papelada para a Bahia, para eu ver. Estava, evidentemente de acordo com tudo, pois era o melhor que se podia imaginar, mas mesmo assim sugeri-lhe que aqueles planos careciam de algo. Porque se a Universidade queria ser a melhor das melhores necessitava de uma coisa fundamental que faltava lá. Na verdade, eles iam ter um curso de filosofia, mas muitas vezes as pessoas entendem que a filosofia não tem de lidar com um problema geralmente situado na área da teologia, afectando muitas espécies de religiões ou praticamente todas. Seria muito difícil descobrir uma religião que não tenha posto a ideia de um ser supremo, mesmo se alguns pensam que tal ser supremo seja um vazio inacessível a qualquer das nossas definições ou dos nossos adjectivos, logo uma presença completamente indefinível. Por isso, há muita gente que ao tratar de filosofia não refere esse problema, embora haja a obrigação de ser filósofo quando se trata de teologia. Assim, propus-lhe que em lugar de uma Faculdade de Filosofia fizesse uma escola, uma faculdade, uma coisa qualquer de teologia, capaz de abranger as questões de todas as espécies que aparecem às pessoas à volta desse problema da existência ou inexistência, característica ou não característica de uma coisa, de um conceito chamado Deus e que se fizesse algo de uma maneira nova. Não apenas um lugar onde houvesse uma sala com bancos para as pessoas assistirem a uma aula, mas que fosse uma espécie de mosteiro universalista, onde pessoas de diferentes religiões – e não era preciso ir muito longe, no Brasil há pessoas de muitas religiões – pudessem ir e ali viver à sua maneira. Devia ter as acomodações

⁶¹ SILVA, 1994, p.141.

necessárias para isso, para os ritos e as festas que fosse preciso fazer dentro da liturgia própria e onde se pudesse entrar livremente sem nenhuma exigência da Universidade, sem sequer se pôr a questão de se ter instrução primária ou não, tal como eu fizera para as línguas de África na Universidade da Bahia, sem apresentar diploma de coisa nenhuma, dizendo simplesmente que queria aprender a língua. As pessoas iriam ali para ver como era esse problema da teologia, como era esse problema da religião e terem a possibilidade de conviver com a gente que ali houvesse.⁶²

Logo que chegou à UnB, com o apoio do reitor, conseguiu criar o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP), e formou lá uma biblioteca com um acervo de cerca de quarenta mil volumes, adquiridos por seu intermédio.

Segundo Sebastião Varela, poeta popular paraibano, servente e recepcionista da Universidade de Brasília desde os tempos da inauguração até sua morte em 1995, amigo de Agostinho, a primeira doação veio da Junta de Investigação Científica do Ultramar, de Portugal. Além dessa, vieram doações da Universidade de Portugal, do Instituto para Alta Cultura, do Real Gabinete Português de Leitura e muitas outras doações particulares. Assim, foi formada uma ótima biblioteca, que incluía a cultura de Portugal e suas colônias: Moçambique, Angola, Cabo Verde, etc., e que constituiu uma grande fonte de estudo na UnB.⁶³

O Mestre Teodoro Freire, fundador e diretor do Centro de Tradições Populares de Sobradinho (DF), antigo contínuo da UNB, um dos primeiros grandes amigos de Agostinho em Brasília, falecido em 2012, contou em entrevista ao professor João Ferreira, alguns anos antes de seu falecimento, como conheceu e começou o seu relacionamento com o professor. No ano de 1962, o Mestre Teodoro trabalhava no barracão de Letras e o professor Agostinho trabalhava no barracão colado. De acordo com Teodoro, um dia, Agostinho procurou-o para saber de onde ele era e começaram a conversar sobre a cultura e as festas populares do Maranhão, sua terra. A partir daí, começaram a conversar sempre e Agostinho terminou levando Teodoro para trabalhar com ele no CBEP.

(...) No outro dia, eu estava no Centro Brasileiro de Estudos Portugueses. Minha função era ficar numa mesa para atender as pessoas que entrassem e quisessem alguma informação. Só que eu fiquei muito pouco nessa mesa. Fiquei mais na sala do Professor Agostinho, mais na biblioteca, com Dona Maria Augusta, e mais fazendo a limpeza, com o Sergipe. Sergipe

⁶² SILVA, 1994, p.145-146.

⁶³ VARELA, Sebastião. *O mestre Agostinho da Silva*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.245.

[Erinaldo Aragão] é que tinha que fazer a limpeza. Mas eu resolvi ajudar o Sergipe na limpeza. Então nós fazíamos a limpeza na hora do almoço. Não nos custava nada. E eu fui conhecendo mais profundamente o Professor Agostinho. Um dia resolvi levar ele pra fazer uma... convidar ele pra fazer uma conferência lá no Bumba-meu-boi, e ele prontamente aceitou o convite e foi fazer a palestra. Falou sobre “Santa Maria e o Brasil”. Foi a primeira palestra. Ele fez uma palestra tão bonita, que hoje ainda tem professor no Sobradinho que me pergunta quando ele vai fazer outra. É quando eu aviso que ele já está no outro mundo. Foi uma beleza. Dali em diante começou o nosso contato diário. Eu ia na biblioteca buscar livros pra ele. Ia devolver. Ia na Reitoria levar documentos. Ia pegar documentos de volta. Professor Agostinho era um homem que trabalhava. Se pudesse trabalhar de dia e de noite, era melhor pra ele. Ele se alimentava pouco. O prazer dele era escrever, ler e atender as pessoas. Tinha um grande interesse em conversar, principalmente com os mais humildes da Universidade de Brasília, e de outros lugares, que o procuravam.⁶⁴

De acordo com o professor do Instituto de Letras da UnB, Almir de Campos Bruneti (1936-2001), Agostinho era parco no viver. Todo o dinheiro que ganhava era distribuído por um sem número de pessoas e instituições criadas por ele, em todos os lugares por onde passou. Para si, conservava o mínimo suficiente para viver com dignidade. Enquanto fora coordenador do CBEP na UnB, era tradicional, em dias de pagamento, a romaria de pessoas humildes que se dirigiam ao seu escritório em busca de ajuda financeira, que ele nunca negava, gastando o seu salário quase inteiramente a socorrer essa gente pobre e necessitada.

Ainda, conforme o professor Bruneti, era conhecido entre toda a comunidade acadêmica o fato de ele ter recusado um dos enormes apartamentos da Colina, a que tinha direito no campus universitário, pela sua posição de coordenador, para viver num barraco que ele mesmo fizera construir no meio do cerrado, no qual chegou a abrigar até doze estudantes pobres, dormindo todos em redes armadas entre os jiraus de suporte da estrutura.⁶⁵

(...) Nessa altura já eu morava mesmo em Brasília, tendo até feito um barracão no mato do cerrado, para ter comigo os rapazes que trouxera da Bahia para fazerem o curso universitário, pois eles não tinham recursos. Eu ganhava o suficiente para eles e para mim e quando era preciso fazer uma despesa extra para comida, os professores meus amigos da Universidade faziam uma subscrição, ajudavam a comprar arroz e feijão, e aquilo lá foi andando e todos se formaram... Eram, hoje já não sei bem, um pouco mais de meia dúzia. Agora, já todos formados, em medicina, biblioteconomia,

⁶⁴ FERREIRA, João. *Entrevista com o mestre Teodoro Freire*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.250.

⁶⁵ BRUNETI, Almir de Campos. *Agostinho da Silva cidadão do mundo*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.260-261.

antropologia, filologia clássica, estão empregados e trabalham nas coisas boas do Brasil.⁶⁶

Além do CEAO, na Universidade da Bahia, e do CBEP, na UNB, Agostinho incentivou e ajudou a criar o Centro de Estudos Brasileiros – CEB, na Universidade Federal de Goiás, no início da década de 1960.

O propósito fundamental do CEB seria, segundo Agostinho, a existência de um lugar onde se pudesse aprender o Brasil.

Durante a realização da Semana de Planejamento da UFG, no período de 22 a 29 de Janeiro de 1962, por ocasião da comemoração do primeiro aniversário da universidade, o professor Agostinho da Silva, participando como conferencista, propôs a criação do CEB.

No encerramento da “Semana”, o Reitor da UFG, Colemar Natal e Silva, anunciou a criação do Centro de Estudos Brasileiros, e o mesmo foi aprovado pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Goiás pela Resolução nº 12, de 9 de fevereiro de 1962. O CEB iniciou suas atividades, ainda em março de 1962, com um curso de estudos goianos, em caráter de extensão cultural. No ano seguinte, entrou em funcionamento o curso de graduação em Estudos Brasileiros.

As nossas universidades ensinam de tudo, mas nada do que seja especialmente brasileiro. Era preciso, portanto, à semelhança do Centro de Estudos Afro-Orientais, da Bahia, e do Centro de Estudos Latino-Americanos, a funcionar no Rio Grande do Sul, criar-se nalgum lugar do Brasil, um Centro de Estudos Brasileiros. Deste modo, com os três “centros” em pleno funcionamento, poderia o Brasil tomar consciência de sua posição geo-cultural, do seu valor e, como dois braços fraternais estendidos sobre a África e o Oriente e sobre os países vizinhos da América, transformar-se num veículo de aproximação cultural dos dois hemisférios. E, além disso, um Centro de Estudos Brasileiros agiria assim como um catalisador das nossas próprias forças culturais, dispersas e desconhecidas e reagindo sobre fórmulas que nos são quase completamente estranhas e nocivas.⁶⁷

Agostinho sempre acreditou que a universidade deveria estar em contato permanente com o mundo que a cercava, ser mais aberta, sem muros. E foi exatamente isso que ele propôs e fez já na sua chegada a Paraíba, quando ajudou a combater a grande seca dos primeiros anos de 1950. Também em Santa Catarina,

⁶⁶ SILVA, 1994, p.157.

⁶⁷ TELES, Gilberto Mendonça. *O sentido revolucionário do Centro de Estudos Brasileiros*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.287-289.

fez algo parecido, quando trabalhou para direcionar aquela universidade às coisas locais. Na Bahia e em Brasília, também foi muito estimulado por ele o contato entre a universidade e a comunidade, principalmente através de suas manifestações culturais e folclóricas.

Durante a primeira metade da década de 1960 o país vivia uma efervescência política e as universidades, como não poderia deixar de ser, estavam também em ebulição. Na UnB, os conflitos entre a reitoria, já nomeada pela ditadura, estudantes e professores foram se agravando cada vez mais com o passar do tempo. O ápice desse processo na UnB foi a saída de duas centenas de professores e uma greve dos estudantes, que na opinião de Agostinho foi uma grande trapalhada.⁶⁸

(...) Por exemplo, uma vez durante o tempo da Ditadura e perante aquela coisa que continuava a correr na Universidade de que eu estava a mando da Ditadura portuguesa para tomar conta do Brasil – eles atribuíam-me uma subversão colonizante do Brasil – quando por outro lado em Portugal se considerava que eu estava no Brasil para procurar levantá-lo contra Portugal, lembro-me que alunos entraram no Centro, sentaram-se, como sempre, estavam inteiramente à vontade ali comigo e disseram que vinham da parte de outros alunos da Universidade – nessa altura em greve – para saber como é que o Centro funcionava, quem é que dava o dinheiro, essa coisa toda. Eu expliquei-lhes tudo, a economia do Centro, a administração, o que se fazia ali, os objectivos, etc., e pedi-lhes que dissessem se estavam convencidos ou não e de que se no relato que iam fazer aos colegas surgissem dúvidas podiam vir ali os outros alunos da Universidade perguntar o que quisessem, e que também podiam vir os empregados da Universidade se o entendessem. O que eu proibia ali era a entrada de professores, que não tinham tido a coragem de perguntar coisa nenhuma e que andavam a espalhar boatos pela Universidade e pelo Brasil. Ali é que eles não entravam...

Não entravam ali, porque eu não lho permitiria. Porque não os considerava dignos perante o procedimento que haviam tido. Alunos sim, funcionários sim, professores não. Porque se tinham portado de tal maneira durante todo aquele tempo que nem podia pensar em fazer nenhuma espécie de relato ou de esclarecimento para eles. Simplesmente não punham o pé ali, senão eu botava-os fora.⁶⁹

Agostinho também teve várias dificuldades com a administração da UNB imposta pela ditadura, como por exemplo, a extinção sumária do CBEP, a dispersão, destruição em inundações e perda de milhares de livros que havia conseguido para o CBEP e, muito desiludido com os rumos da Universidade e do Brasil, rumou de

⁶⁸ SILVA, 1994, p.169.

⁶⁹ Ibid., p.171.

volta a Portugal no ano de 1969, ciente de que o governo português, então chefiado por Marcelo Caetano, não lhe traria qualquer problema.⁷⁰

⁷⁰ BRUNETI, Almir de Campos. *Um Outro Agostinho da Silva*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000, p.45.

3 ASSESSORIA DE JÂNIO E POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE

O Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, criado na UFBA em 1959, por Agostinho e pelo reitor Edgar Santos, teve um papel fundamental e precursor na política externa do Brasil em relação à África. Ele tornou-se o motor da aproximação e intercâmbio entre professores e alunos, brasileiros, africanos e orientais.⁷¹

Segundo Thales de Azevedo, a partir de 1961, o CEAO começou a receber os primeiros estudantes nigerianos, ganenses, senegaleses e daomeanos, a quem o governo brasileiro ofereceu bolsas para fazerem estudos universitários completos no país. A primeira intenção era revelar à África um Brasil dinamizado pela idéia da democracia e pelo impulso modernizador da industrialização, duas forças inspiradoras do desenvolvimento e da justiça social. Esse movimento também se completava com a designação de embaixadores e adidos culturais, além de professores, junto àqueles países.⁷²

Com a sua presença e excelente desempenho dos seus objetivos, o CEAO se credenciou como o órgão representativo do Brasil, em caráter oficial, no campo das relações culturais e acadêmicas com a África.

Pedro Agostinho, filho primogênito e professor da UFBA, mostrou que o trabalho relacionado à implantação de uma política externa independente pelo Brasil talvez seja a parte menos conhecida em Portugal da obra do “Professor Agostinho” no Brasil. De acordo com ele, estiveram envolvidos nesse projeto, além do presidente Jânio Quadros, o Secretário da Presidência da República, José Aparecido de Oliveira, o Ministro Afonso Arinos de Melo Franco e os diplomatas Wladimir Murtinho e Rubens Rícupero, pelo lado do governo, e pelo lado da Universidade da Bahia, o reitor Edgar Santos e todo o grupo de colaboradores, dos contínuos aos professores e aos sacerdotes do candomblé, que trabalhavam no CEAO ou no seu entorno.⁷³

Nas palavras do próprio Agostinho:

Nesta altura surgiram as eleições para presidente da República e apareceram dois candidatos: um que tinha sido ministro da Guerra, da Defesa como se diz

⁷¹ SILVA, Amândio. *Reviver Agostinho no Brasil*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.19.

⁷² AZEVEDO, 2007, p.238-239.

⁷³ SILVA, 2009, p.177.

hoje, do presidente Juscelino Kubitschek, e um outro, Jânio Quadros, de São Paulo, de facto originário de Mato Grosso, mas que já tinha feito uma parte de sua vida política em São Paulo. Perante os dois candidatos pareceu-me a mim que Teixeira Lott seria muito melhor para o Brasil, poderia levar o país num caminho de paz e de construção relativamente calma e ordenada, enquanto com Jânio Quadros as coisas poderiam ser mais difíceis. De forma que, ao votar, nessa altura já era cidadão brasileiro, votei em Teixeira Lott. Só que num dos discursos de Jânio Quadros este referiu-se, não sei por quê, à necessidade que o Brasil um dia teria de conhecer a África culturalmente. Imediatamente lhe escrevi e pus o Centro à sua disposição para o que fosse necessário. Quando Jânio Quadros foi eleito, ao contrário do que eu pensava, por uma maioria enorme – foi uma eleição arrasadora no Brasil, pois ele era um homem hábil nos comícios, com muito sentido popular, muito sentido de representação, um bom actor ao mesmo tempo – imediatamente propus ao reitor que se entrasse em contacto com o novo presidente, para ele ter conhecimento do que era o Centro e ver o que se podia fazer. O reitor, que parece que era de um partido diferente do de Jânio, hesitou, disse que não conhecia ninguém, que não sei quê, enfim ia protelando. Eu, que não sou de demoras, logo na primeira estação telegráfica que encontrei no Rio de Janeiro – onde nessa altura me encontrava de visita com o reitor – telegrafei ao presidente pedindo-lhe uma audiência, a qual foi concedida. Ele lembrava-se da carta que eu lhe escrevera e fui lá sem ninguém para me apresentar. Demo-nos muito bem, ele pediu-me logo as minhas opiniões sobre vários assuntos e ali ficou estabelecido que nomearia embaixadores brasileiros para esses países que nunca os tinham tido. Portanto, a área do Ministério das Relações Exteriores ficou logo à nossa disposição. Ao mesmo tempo declarou que ia dar ao Centro de Estudos Africanos e Orientais um orçamento extra que permitisse alargar em muita coisa, o que foi uma notícia espantosa para o reitor, que julgava que o presidente não ligaria nenhuma importância ao assunto. Então, a partir daí, quando entrava no gabinete do reitor, ele dizia para os presentes: “Aí vem o nosso primo rico.” Nessa altura, a Universidade soube o que se passava e imediatamente aceitou que dentro da Universidade Federal da Bahia houvesse um Centro de Estudos Africanos e Orientais. Assim, saí da cave e fui transferido para um palacete que havia ficado vago e onde estávamos à vontade para dar aulas, ter biblioteca, museu, enfim tudo o que se quisesse e durante bastante tempo fez-se um bom trabalho.

Só que durante o mandato de Jânio houve muita agitação estudantil e ele deu-se mal com essas greves de estudantes. Ao tentar apaciar aquilo, as suas medidas não deram certo, de forma que ficou com uma certa hostilidade àqueles reitores em cujas Universidades houvera greves. E, de repente, por causas ainda hoje desconhecidas, o nosso amigo Jânio Quadros renunciou à Presidência da República.

Lembro-me bem que recebi a notícia de chofre, na altura em que ia entrar para a sala de conferência do Centro de Estudos Bahianos, onde me tinham pedido que fizesse uma conferência sobre o problema do candomblé e a sua metafísica. Parecia que naquele momento tudo aquilo de Centro de Estudos Africanos ia por água abaixo, tanto mais que antes de ele renunciar, tinha demitido o reitor da Bahia. Propriamente não o tinha demitido, mas como os reitores eram escolhidos de uma lista de três nomes, toda a gente estava à espera que ele escolhesse de novo o Edgar Santos. Não o escolheu, porque achava que o Edgar fora responsável pela greve e por isso escolheu outro que não tinha importância nenhuma e que o Conselho da Universidade pusera na lista por pôr, pois ninguém contava com sua nomeação.

É claro que eu nessa altura imediatamente decidi que sairia juntamente com o reitor. Entendia-me com aquele homem, o essencial estava feito, o Centro havia arrancado, ia marchando, mas eu não tinha nenhum gosto em continuar naquilo, num movimento de rotina. A tal história de continuar a fazer uma coisa que os outros podiam perfeitamente continuar, tanto mais que nessa

altura já alguns haviam regressado de África e estavam prontos, portanto, a tomar conta das rédeas.⁷⁴

Para o antropólogo e professor da UFBA, Ordep Serra, foi também por influência de Agostinho da Silva, ainda durante o governo de Jânio Quadros, que o Brasil começou a por de lado um vergonhoso aval à política colonialista do salazarismo, trocando-o por um decidido apoio diplomático às nações africanas em luta pela independência.⁷⁵

Então, com a queda de Jânio Quadros, o Brasil entrou numa fase muito confusa. O vice-presidente que, segundo a Constituição devia tomar conta da presidência, estava nessa altura na China e os militares que achavam que ele era muito inclinado para ideias de esquerda não queriam que ele tomasse posse e por isso tentaram fazer um regime militar, para o qual ao mesmo tempo o Brasil não estava preparado. Assim as coisas ficaram durante muito tempo confusas.

Eu saí da Bahia, ainda com o país bastante agitado, e fui para Santa Catarina ver o que se passava por lá e se ficava ou não na Universidade.

Portugal não estava satisfeito com esta minha actividade de aproximação entre o Brasil e a África, parece que tinha medo que o Brasil lhe roubasse a África. De maneira que um dia, um amigo meu do Rio, Antônio Pedro, um excelente homem, um livreiro português, que já morreu, encontrou-me na rua por acaso e disse-me:

- O senhor não quer fazer nada pela sua pátria de origem que está agora a braços com a guerra de África?

- Com certeza.

- Então venha comigo falar com o embaixador de Portugal e veja o que pode fazer.

Nessa altura Jânio ainda estava no poder.

- O que é que o senhor me pode então oferecer – perguntou-me o embaixador com quem eu fora falar.

- Posso oferecer-lhe o serviço de medianoiro do presidente da República, se ele estiver disposto a isso. Nesta altura do conflito em que ele ainda não alastrou muito, nem é talvez extremamente grave, o presidente entraria para se fazer um concerto entre Portugal, a África e o Brasil de modo a suspender-se a guerra e as coisas poderem continuar de outro jeito.

- Não, isso não serve de maneira alguma, o que eu quero é o Brasil afastado disso – disse-me o embaixador.

- Está bem, o senhor está no seu direito de querer isto ou aquilo, mas eu só vou lhe dizer uma coisa: os senhores vão perder a guerra. Se prefere isso a entrar numa solução política, isto é com o senhor, não tenho nada com o assunto – disse-lhe eu.

O embaixador perdeu completamente todo o decoro diplomático, pôs-se aos pulos na sala e declarou que não queria nada. Fui-me embora, mas o que aconteceu é que ele foi-se queixar de mim ao Ministério das Relações Exteriores e o secretário-geral, que era uma pessoa muito especial nessa altura, fez o possível junto da Universidade da Bahia para que eu fosse

⁷⁴ SILVA, 1994, p.127-129.

⁷⁵ SERRA, 2007, p.242.

posto fora e não pudesse continuar a trabalhar na Universidade. Isso não me fez diferença absolutamente nenhuma, pois o reitor, apesar da insistência do secretário-geral do Itamarati, manteve-me lá. O reitor opôs-se com valentia e acabou por dizer-lhe:

- Quero dizer a Vossa Excelência que o reitor da Bahia sou eu. Portanto, quem manda na Universidade sou eu e o senhor não tem mais nada com isso. (Quando no Brasil se trata por Vossa Excelência uma pessoa que já se tratou doutra maneira é sinal de que se está zangado).

Depois voltei para Santa Catarina, mas o que havia a fazer já estava feito. Eu já tinha montado a Universidade Federal e a Directoria da Cultura. No momento não havia mais nada a fazer lá. Ainda fui trabalhar três meses na Directoria do Ensino Superior do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, mas não tinha gosto... a vida ministerial não foi feita para mim. As intrigas dos ministérios, as conversas dos corredores, toda aquela complicação não se quadra ao meu jeito. Felizmente, Darcy Ribeiro teve a ideia de fazer a Universidade de Brasília e eu acabei por sair de Santa Catarina em comissão de serviço. Fui para Brasília ajudar a fazer a Universidade local.⁷⁶

Agostinho da Silva sempre acreditou que o Brasil tinha uma missão em relação aos outros povos do mundo, principalmente África, mas que isso ainda não estava suficientemente claro para o país. O fundamental dessa missão era a ajuda a esses povos para que eles pudessem sair de suas indeterminações. No que diz respeito aos povos africanos, os três pontos que indicavam o Brasil como o único país que poderia fazer isso eram a confiança da África na absoluta isenção imperialista do Brasil, no seu real desagrado por uma economia de exploração e no seu interno gosto por uma integração racial, que tende, não a uma convivência de raças, mas a uma fusão numa raça ecumênica.⁷⁷

Um pouco mais tarde, já em março de 1968, em seu artigo “Perspectiva Brasileira de uma Política Africana”, originalmente publicado nos *Cadernos Germano-Brasileiros*, Agostinho apontava as principais razões pelas quais a Europa, os Estados Unidos e a Ásia, representada por Rússia e China, não poderiam ajudar aos povos africanos a saírem de suas indeterminações e a efetivar a completa descolonização do continente africano.⁷⁸

A Europa, segundo Agostinho, pela ótica da economia, não tinha o menor interesse em que os países africanos deixassem de serem fornecedores de matérias-primas para as suas indústrias e consumidores dos produtos de suas manufaturas. Além disso, o ideal, para alguns políticos europeus, seria que todas as

⁷⁶ SILVA, 1994, p.138-139.

⁷⁷ SILVA, 2009, p.107.

⁷⁸ Ibid., p.101.

nações europeias se congregassem num Mercado Comum, o que de fato veio a ocorrer posteriormente, e que esse mercado, com uma África em desenvolvimento de produção e consumo, lhes garantisse um nível de vida que aumentasse sempre sobre o atual. A Europa também permitiria que os serviços considerados grosseiros ou de menor interesse na renda, continuassem utilizando a mão-de-obra dos africanos do Mediterrâneo que, embora não branca, é menos negra do que da África subsaariana. No aspecto intelectual, os queridos da Europa eram os políticos ou pensadores africanos desenraizados de suas culturas, que olhavam com bastante desprezo o considerado primitivismo das regiões africanas, lamentavam o poliglotismo de seus países e consideravam o sistema tribal como incompatível com a noção europeia do Estado.

Os Estados Unidos da América, que Agostinho definia como o ponto máximo de concentração da Europa loura e alva, não parecia, apesar de suas tradições de anticolonialismo e de sua defesa de liberdade dos povos e da iniciativa do indivíduo, ver a descolonização da África sem temores. Sob o ponto de vista da segurança de suas fronteiras militares, de seu investimento de capitais e de seu mercado de consumo, lhes convinha mais que estivessem presentes na África os seus países aliados, ou que mandassem nela as elites ainda sob influência de seus missionários ou que comandassem uma industrialização, sobretudo agrícola, que lhes permitissem concorrer, quando, onde e como conviesse, com o que pudessem exportar seus vizinhos do sul.

Rússia e China também tinham seus interesses na África, de acordo com Agostinho. Principalmente sendo os principais representantes da economia socialista. Para ele, ambos os países queriam, acima de tudo, a vitória de suas ideologias, mas ainda antes dela, pensavam na sua sobrevivência como nações.

José Aparecido de Oliveira, que foi o Secretário da Presidência da República no Governo Jânio Quadros, Ministro da Cultura no Governo José Sarney e Embaixador do Brasil em Portugal conheceu o professor Agostinho na época do Governo Jânio. Para ele, Agostinho foi importante sob dois aspectos. Um como pensador, como filósofo, e o outro como homem de ação.

Segundo Aparecido de Oliveira, Agostinho conjugou essas duas virtudes que, geralmente, não andam juntas. Ele era um homem de pensamento, mas também era um homem de ação prática, efetiva. Teve uma presença muito

importante, naquele tempo, não só no Brasil, como também em todos os países de língua portuguesa e em toda uma política de desenvolvimento econômico e social, porque ele tinha uma clara consciência do que representavam os povos que estavam submetidos a uma hierarquia das forças sociais que nunca abriam perspectivas maiores, nem melhores para os subdesenvolvidos.⁷⁹

Ainda, conforme Aparecido, o professor Agostinho preencheu, num aspecto, um largo trecho da nossa consciência política. Ele sabia que estava realizando um trabalho para o tempo e para o histórico. Agostinho tinha uma visão do mundo daquele tempo e do mundo do futuro. Ele previu, como pensador que era, muito do que está acontecendo por aí.

O que me parece fundamentalmente importante é a presença dele numa nova política para a lusofonia, de uma nova política para o desenvolvimento dos povos da Língua Portuguesa.

Eu sei que ainda não há muita luz sobre este aspecto, sobre esse trecho da vida do Professor Agostinho que foi, aqui no Brasil, ao tempo do Governo do Jânio Quadros. Eu trabalhava com o Presidente Jânio, de forma que eu posso dar um depoimento seguro da influência que o Professor Agostinho da Silva teve na formulação da nova política exterior do Brasil naquele período, contemplando prioritariamente não só os países de língua portuguesa, mas o continente africano.

O Professor tinha uma exata consciência da importância disso, da África como continente de articulação de um novo tempo para uma política de desenvolvimento. E ele viu, naquele momento, uma formulação da política externa independente do Governo Brasileiro. Ele teve encontros com o Presidente da República, encontros promovidos, inclusive, por meu intermédio. E esse é um aspecto que eu sei que não é muito conhecido. Quer na biografia do Professor, quer nos documentos do Itamaraty.

O Professor Agostinho foi importantíssimo quando chamou atenção dos brasileiros para o que representava uma política de desenvolvimento num mundo que tendia para a globalização. Ele previu com todas as suas nuances e conseqüências. E também fez despertar a nossa consciência, brasileira sobretudo, mas lusófona, em relação à África. Foi ele que, pela primeira vez, naquele tempo, chamou a atenção para as nossas raízes. E, além disso, dava uma palavra segura de advertência com relação ao nosso futuro. E entendia que era importante fazermos uma política de unidade, de fundamento da nossa língua comum. E isso foi uma abordagem que passou a ser feita e que chegou, inclusive, à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a CPLP. Mas na realidade, o verdadeiro formulador, o homem que deu esse fundamento filosófico, essa mensagem integradora do ponto de vista político, foi o Professor Agostinho da Silva. Ele foi o grande formulador de um tempo novo na lusofonia.

A idéia da CPLP surgiu no fim da década de 50, início da década de 60. O Jânio foi presidente da República exatamente nesse período. Renunciou à Presidência em 61. O Agostinho influiu muito nessa formulação, numa nova política externa do Brasil, com olhos inclusive integradores. No entanto,

⁷⁹ OLIVEIRA, José Aparecido de. *Agostinho da Silva nas origens da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.279.

não há registro, no Itamaraty, a respeito disso. Embora a idéia da CPLP seja da década de 60, só é institucionalizada em 1996, quando eu era Embaixador em Lisboa e o Mário Soares era Presidente da República. Na realidade, aquela proposta era fundamental para os países de língua portuguesa e para a lusofonia. Para eu afirmar um movimento dessa natureza tinha que ter um compromisso missionário com o Professor Agostinho da Silva. Afinal, ele ensinou-me a importância da força da destinação.⁸⁰

Outras iniciativas importantes de Agostinho no mesmo período, mas que também ficaram sem conclusão por causa da renúncia de Jânio, referiam-se à formação de uma organização constituída por países do Atlântico Sul, exportadores de produtos agrícolas tropicais e a participação numa frente de países não alinhados, que estava em gestação.

Nas palavras de Pedro Agostinho, seu filho:

(...) o acordo incidiria sobre os bens de mais larga importância nas economias e dietas dos “desenvolvidos” do Norte. Nesses anos, especialmente açúcar, café e cacau. Visar-se-ia assim ganhar maior controle de preços, senão impô-los, e escapar às bolsas de Nova York, Londres e Paris. Era, de certo modo e muito antes, objetivo análogo ao que levou à formação da OPEP. Mas a renúncia impediu que sequer se dessem os primeiros passos concretos.

Impediu também, a renúncia, um outro movimento, e este muito mais ambicioso e ousado. Dele não tive, que me lembre, conhecimento na época, e ignoro quem mais teria. Soube disso por acaso, quando Agostinho já regressara definitivamente a Portugal (1969) e eu arrumava papéis seus, que ele deixara em Brasília e agora precisava. Entre estes, havia um texto de bastantes páginas, já em forma final, que, pelo estilo, tom e conteúdo, se destinava a ser lido por Jânio ou algum seu representante por ocasião da Conferência dos Não Alinhados, prevista para Belgrado em data que não recordo mas anterior ao 25 de agosto de 1961. Por seu caráter geral, parece óbvio que Jânio estava a par do que continha; Agostinho também, pois o pusera por escrito: o estilo era seu, e a letra, a da velha máquina que trouxera ao retirar-se para o Brasil. Não escrevia noutra, pois se habituara ao teclado português, diferente do internacional. Provavelmente Aparecido, Arinos, Murtinho e Rícupero sabiam do que ali era dito, mas disso não tenho certeza. Nunca mais pude localizar o documento, nem imagino que fim levou. Em suma, seu texto propunha, em pormenor, a formalização de uma frente de países não-alinhados, tendo a liderá-la o Brasil – que tomava a iniciativa –, a Iugoslávia de Tito, o Egito de Nasser, a Índia de Nehru e a China de Mao. Se isso se tivesse realizado, é fácil imaginar a força internacional que teria. E as repercussões históricas que certamente provocaria. Nas circunstâncias de então foi, creio, o máximo que seria possível tentar. E, para Agostinho, um passo mais, e não o último, em direção ao sonhado ponto u-tópico e u-crônico de que falei, e para o qual via a História tender.⁸¹

⁸⁰ OLIVEIRA, 2007, p.279-280.

⁸¹ AGOSTINHO, 2007b, p.233.

A sigla BRIC foi criada em 2001 pelo economista Jim O'Neill, do Banco Goldman Sachs, para fazer referência a quatro países: Brasil, Rússia, Índia e China. Logo em seguida, foi incluída a letra 'S' em referência a entrada da África do Sul, em inglês, South Africa, nesse grupo de nações. Estes cinco países emergentes possuem características comuns, como um bom crescimento econômico durante a primeira década dos anos 2000, e, atualmente, formalizam acordos e medidas para a composição de um bloco econômico.⁸² Pelo menos uma década antes da criação do termo BRIC o professor Agostinho já havia pensado e criado a sigla ABC, que se referia à África (continente), Brasil e China. Para ele, o continente africano, com a participação de Brasil e China, teria todas as condições de um grande desenvolvimento.

Sem dúvida. África vai ser a grande terra do futuro. Hoje, os africanos, depois de terem tido em cima deles, ao longo de mais de 600 anos, gente não africana, os europeus, os mulçumanos, que chegaram primeiro que estes à costa, sentem-se agora finalmente livres. Conseguiram ressuscitar, têm ali gente extraordinária, com qualidades incríveis, muitas das quais se transmitiram ao Brasil. Uma das características do Brasil é realmente estar muito africanizado. O toque de África também foi muito importante, muita gente foi para lá servir. Não os escravos, mas as escravas, as grandes escravas, que passaram os seus costumes, a sua maneira de ser, a muita outra gente no Brasil. De maneira que essa África vai receber duas ajudas extraordinárias: uma é a ajuda do Brasil, que, tanto quanto sei, continua com o Presidente Itamar. Hoje, os que querem navegar já não precisam de o fazer por navio, porque hoje navega-se com fax, dá-se a volta ao mundo com fax, e o navio já não é preciso para nada. A outra é a da China, porque vai lhe traçar uma economia para o mundo na junção ds duas economias: a de mercado e a outra, do nosso amigo Li-Peng, quando estiver aperfeiçoada, pronta a funcionar para toda a China e para todo o Oriente, vai passar para a África, muito provavelmente por Moçambique, que é a porta de entrada deles. Então haverá África, haverá Brasil e haverá China, e eu chamo a isso a política do ABC.⁸³

Podemos notar que, através da simples comparação e análise do significado e conteúdo das siglas ABC e BRICS e também da sua visão de mundo, o professor Agostinho da Silva, mais uma vez, continuava muito à frente do seu tempo.

⁸² Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/pesquisa/bric.htm>. Acesso em: 20 Nov. 2014.

⁸³ MACHADO, 2006, p.67.

CONCLUSÃO

Antes de qualquer coisa quero afirmar que o contido neste trabalho é muito pouco, perto do que representa para os países e comunidades de língua portuguesa no mundo, a obra e a vida do professor, educador, filólogo, filósofo, biógrafo, pedagogo, humanista, ensaísta, poeta, articulador político e, fundamentalmente, homem de ação Agostinho da Silva. A diversidade e amplitude de suas ações têm grande presença e ainda serão sentidas por um longo tempo em vários desses lugares.

Muito do que vemos acontecer hoje mundo afora já foi, de alguma forma, pré-visto pelo professor Agostinho há mais de quarenta ou cinquenta anos. Como exemplo, podemos citar a libertação e ascensão do continente africano, a abertura do Brasil à África e outras nações e culturas, além dos EUA e Europa, a formação de novos blocos econômicos e a importância do Brasil compreender o seu papel no mundo, que é um processo atualíssimo.

Outras questões poderiam ter sido tratadas neste trabalho, mas acabaram ficando fora ou não foram aprofundadas, como por exemplo, o seu misticismo e o seu franciscanismo, além do vasto conjunto de suas obras literárias. Tentei evitar uma dispersão maior e manter uma linha de raciocínio coerente e razoável sobre a trajetória de vida do professor Agostinho. Acredito que, neste trabalho, o mais importante foi ressaltar sua formação e seu caminho europeu durante a primeira metade do século XX e, em seguida, enfatizar seu brilhante trabalho na criação e desenvolvimento de diversas universidades em terras brasileiras, além de sua grande contribuição na formulação de uma nova política externa independente para o Brasil.

Para finalizar, gostaria de apresentar o que pensavam do “Professor Agostinho” duas pessoas que conviveram com ele em diferentes locais e etapas da sua vida: a professora Constança Marcondes César, amiga da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas e o professor Almir de Campos Bruneti, amigo de longa data da UnB, com os quais concordo integralmente e que me ajudaram a elaborar uma síntese dessa personalidade inquieta e brilhante do século XX.

Para Constança, Agostinho da Silva foi um mestre de vida, com um profundo sentido ético da existência e de amor aos homens; uma pessoa que levava cada um a acreditar nos seus próprios sonhos, a realizar os seus sonhos, a ser fiel a si mesmo. Ele próprio foi o exemplo vivo dessa ética onde simplicidade, humildade intelectual, vão associadas a um grande amor, um grande otimismo, uma grande esperança. Uma ética que encontrava na ação cultural, na ação educativa, o caminho de expressão do espírito, a construção do reino do Espírito Santo. Segundo ela, Agostinho tinha uma palavra iluminada e durante toda a sua existência tentou realizar a utopia do amor fraterno, em toda a extensão de suas possibilidades, de suas virtudes pessoais e intelectuais. Ele era um homem do fazer, que aliou a uma espantosa erudição o senso agudo do político, a compreensão profunda do mundo em gestação, do tempo novo em que estamos vivendo.⁸⁴

O professor Bruneti dizia que Agostinho era um gênio, mas um gênio que, além de sábio, era uma pessoa extremamente aberta, generosa, liberal, e que seguia à risca, acima de tudo, a máxima que sugeria àqueles que o rodeavam, ou que com ele entravam em contato: cumprirem-se as pessoas o mais completamente possível como seres humanos. E esta foi a razão pelo qual tocou tanta gente de perto e modificou o percurso de tantas vidas. Ainda segundo ele, o endurecimento radical do regime militar brasileiro na segunda metade da década de 1960, junto com as restrições impostas pelos seus prepostos à UnB, inclusive a extinção sumária do CBEP, incentivaram o professor Agostinho a considerar finda sua missão na universidade e no Brasil e retornar a Portugal em 1969. Mas nem isso, e nem mesmo com os milhares de livros conseguidos para o CBEP, incorporados à Biblioteca da UnB após a sua extinção, e que foram perdidos, dispersos e destruídos, não diminuiu em nada o entusiasmo de Agostinho pelo Brasil e a certeza inabalável que tinha no futuro da grande nação americana de língua portuguesa. A sua atitude era que tinha desempenhado, da melhor maneira possível, o papel que devia cumprir em relação ao Brasil. “O resto”, dizia Agostinho, “virá com o tempo”.⁸⁵

De forma definitiva, plagiando Marcelo Carvalho Ferraz, arquiteto do Instituto Lina Bo Bardi (SP) e amigo de Agostinho em seus últimos anos de vida,

⁸⁴ CESAR, Constança Marcondes. *Agostinho da Silva e o Brasil*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.297-298.

⁸⁵ BRUNETI, Almir de Campos. *Um Outro Agostinho da Silva*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000, p.43-45.

concluo que o elemento denominador comum a todos que aqueles que puderam conviver ou desfrutar Agostinho da Silva, é o contágio. Contágio de algo muito bom. Segundo Ferraz, quando Agostinho nos falava, nos libertava de qualquer incômodo de tempo ou espaço, nos injetava um ânimo, uma vontade simples de transformar o mundo, melhorar este mundo, dando um pouquinho de nós, numa espécie de contágio.⁸⁶

Em mim, com absoluta certeza, esse processo do contágio já está consolidado.

⁸⁶ FERRAZ, Marcelo Carvalho. *Agostinho e o Contágio*. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007, p.303.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Pedro. Agostinho da Silva. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007a.

AGOSTINHO, Pedro. Agostinho da Silva pressuposto, concepção e ação de uma política externa do Brasil com relação à África. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007b.

AZEVEDO, Thales de. Agostinho da Silva e a fundação do Centro de Estudos Afro-orientais. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

BARBOSA, Jonilson. Conheci-o em criança no Alaketo. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

BRICS. *Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul*. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/pesquisa/bric>. Acesso em: 20 Nov. 2014.

BRUNETI, Almir de Campos. Agostinho da Silva cidadão do mundo. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

BRUNETI, Almir de Campos. *Um Outro Agostinho da Silva*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000.

CANDEIAS, António; SIMÕES, Eduarda. *Alfabetização e escola em Portugal no século XX: Censos Nacionais e estudos de caso*. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v17n1/v17n1a17.pdf>. Acesso em: 23 Fev. 2013.

CESAR, Constança Marcondes. Agostinho da Silva e o Brasil. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

CESAR, Constança Marcondes. O Grupo de São Paulo. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000.

CHIANCA, Victória. Agostinho da Silva. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. Agostinho e o Contágio. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

FERREIRA, João. Entrevista com o mestre Teodoro Freire. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

FONSECA, Edson Nery da. Agostinho da Silva (1906-1994) caminhos brasileiros. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

HISTÓRIA DE PORTUGAL. Disponível em:
<http://www.infoescola.com/historia/historia-de-portugal/>. Acesso em: 20 Mar. 2013.

HISTÓRIA DE PORTUGAL. *Monarquia Constitucional*. Disponível em:
<http://www.historiadeportugal.info/crise-e-queda-da-monarquia/>. Acesso em: 20 Mar. 2013.

LEME, Carlos Câmara. Ele me chamava de Aurorinha. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

MACHADO, Luís. *A Última Conversa Agostinho da Silva*. 11. ed. Lisboa: Casa das Letras, 2006.

MOTA, Helena Maria Biosa. *Cidadania e Educação: sonhos e realidades. Agostinho da Silva, um percursor exemplar, em Portugal e no Brasil, de uma efectiva educação para a cidadania*. Disponível em: <http://agostinhodasilva.no.sapo.pt/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=7Q2afv+EZ/>. Acesso em: 04 Jun. 2013.

NAZARETH, Joaquim Manuel. *A demografia portuguesa do século XX: principais linhas de evolução e transformação*. Disponível em:
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223479895G0nRM2du9Tv18QW4.pdf>. Acesso em: 23 Fev.2013.

OLIVEIRA, José Aparecido de. Agostinho da Silva nas origens da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. Agostinho da Silva. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000.

PORTAL AGOSTINHO DA SILVA. *Síntese Biográfica de Agostinho da Silva*. Disponível em:
http://www.agostinhodasilva.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=18&Itemid=30. Acesso em: 05 Jun. 2013.

REVISTA SEARA NOVA. *História*. Disponível em:
<http://www.searanova.publ.pt/pt/static/menu/97/Hist%C3%B3ria.htm>. Acesso em: 20 Mar. 2013.

SERRA, Ordep. Jardineiro da Esperança. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

SILVA, Agostinho da. Alcorão. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

SILVA, Agostinho da. *Condições e missão da Comunidade Luso-Brasileira e outros ensaios / Agostinho da Silva; organização e prefácio de Henryk Siewierki*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

SILVA, Agostinho da. Doutrina Cristã. Textos e Ensaios Filosóficos. Lisboa: Âncora Editora, 1943/1999. In: MOTA, Helena Maria Biosa. *Cidadania e Educação: sonhos e realidades. Agostinho da Silva, um percursor exemplar, em Portugal e no Brasil, de uma efectiva educação para a cidadania*. Disponível em:

<http://agostinhodasilva.no.sapo.pt/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=7Q2afv+EZ/>. Acesso em: 04 Jun. 2013.

SILVA, Agostinho da. O Nascimento do CEAO. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000.

SILVA, Agostinho da. *Vida Conversável*. Lisboa: Cooperativa Editora e Livreira, 1994.

SILVA, Amândio. Reviver Agostinho no Brasil. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

SILVA, Dora Ferreira da. Agostinho da Silva. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

SILVA, José Luís Poças Leitão Conceição. *Um Agostinho da Silva*. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000.

TEIXEIRA, Cid. *Habitante do país da liberdade*. In: RODRIGUES, Rodrigo Leal. (Coord.). *Agostinho*. São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000.

TELES, Gilberto Mendonça. O sentido revolucionário do Centro de Estudos Brasileiros. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.

TEMAS E AUTORES. *Álvaro Cunhal*. Disponível em: http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/desenho/alvaro_cunhal/biografia.html/. Acesso em: 09 Jun. 2014.

VARELA, Sebastião. O mestre Agostinho da Silva. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro. *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Ruy Barbosa, 2007.